

BARREMOS o Assalto da Standard Oil

OS FATOS estão a confirmar diariamente a denúncia feita por Luiz Carlos Prestes do atual governo do sr. Café Filho e de seus objetivos — «vender o Brasil aos trustes norte-americanos e colocar nosso povo sob a dependência total dos governantes de Washington».

Já agora não são apenas os elogios abertos dos jornais e políticos norte-americanos, os quais não escondem seu entusiasmo pelo «governo maravilhoso» que conseguiram instalar aqui. Café Filho e seus ministros passam das palavras à ação e preparam-se para as grandes concessões, para o monstruoso ato de lesa-Pátria que significa a entrega de uma riqueza vital como o petróleo à voracidade da Standard Oil. Depois da visita do sr. Gudín a Washington, onde um novo e extorsivo empréstimo foi concertado com os banqueiros ianques, uma vasta campanha de imprensa foi iniciada a fim de preparar a opinião pública para o audacioso ato de traição ao Brasil. Procura-se à todo pano «demonstrar» que o país não pode passar um dia mais sem entregar seu petróleo à Standard Oil, enquanto se esgrime os velhos e sovados «argumentos» contrários à exploração do petróleo pelos próprios brasileiros. Desta campanha, orientada pela embaixada americana, participa ostensivamente o governo que, aliás, desde os primeiros dias, pela boca do próprio sr. Café Filho, não esconde seu objetivo entreguista em relação ao petróleo.

Está o nosso povo colocado, assim, diante de uma séria ameaça. O governo pretende dar um novo e importante passo no caminho da completa colonização de nossa pátria pelos monopólios ianques. Para isso, não vacila em afrontar os mais vivos sentimentos da opinião pública, claramente expressos em quatro anos de lutas e campanhas memoráveis em defesa do petróleo brasileiro.

Mas os próprios imperialistas dos Estados Unidos reconhecem os riscos dessa empreitada contra o Brasil, ao aconselharem prudência a seus lacaios, como o fez o «New York Times» por ocasião da vinda de Holland a nosso país. Isso porque o sentimento patriótico de nossa gente está bastante vivo para não permitir que se leve a cabo semelhante golpe. Diante do perigo que se levanta sobre a nação, porém, há que evitar a todo custo a dispersão de esforços dos patriotas. Esta é a hora de levar a cabo a união de todas as forças que se opõem à escravidão da pátria e se recusam a permitir a entrega do petróleo à Standard Oil. Trata-se de mobilizar as amplas massas, homens de todos os partidos e classes sociais para fazer frente à ameaça.

Essa é a união que cumpre forjar com rapidez, fortalecendo-se a unidade de ação dos comunistas, trabalhistas e todas as forças democráticas em defesa das liberdades democráticas e da independência nacional, na luta imediata para salvar o petróleo do Brasil das garras da Standard. É indispensável congregar todos os patriotas sob a bandeira da Liga da Emancipação Nacional, canalizar todas as manifestações de protesto, toda a indignação dos brasileiros para o leito comum da luta pela libertação da pátria. Uma grande campanha nacional, mais ampla e vigorosa ainda do que a que derrotou o Estatuto entreguista do petróleo há de empolgar o país de ponta a ponta contra o assalto da Standard Oil. Esse é o caminho que permitirá impedir a consumação do crime de lesa-pátria planejado pelos srs. Café, Juarez, Gomes, Gudín e Cia. e salvar a independência do Brasil.

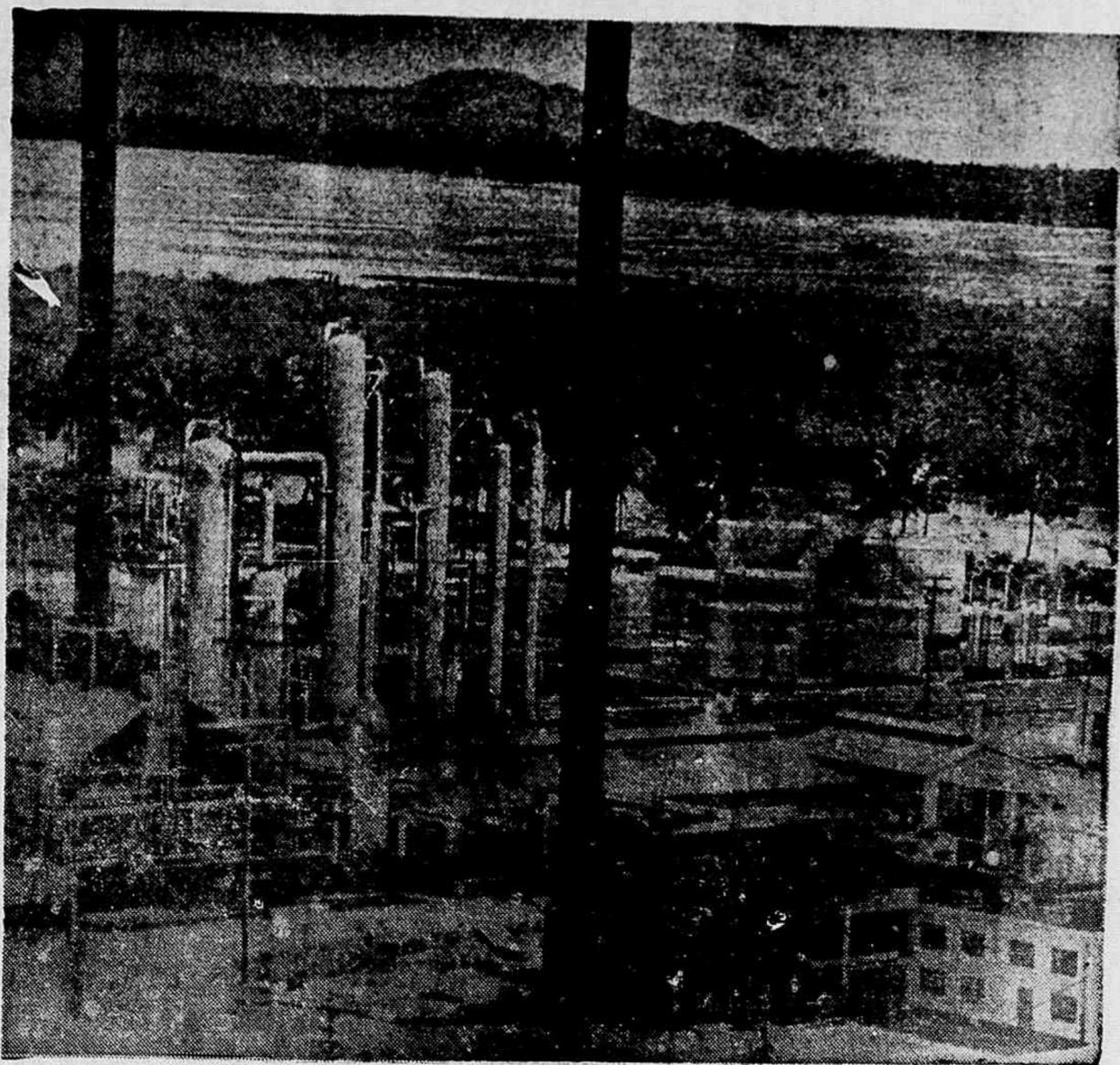
VOZ OPERÁRIA

N. 284 — RIO DE JANEIRO, 23 DE OUTUBRO DE 1954

Para isso foi dado o golpe

Imediata Entrega do Petróleo Aos Ianques

(Leia na página 3)



NESTE

NÚMERO:



A divisa do governo Café para os sindicatos (5ª página)



Café Filho prepara despejos em massa em todo o Brasil (12ª página)

Um «Governo Maravilhoso» Para os Trustes Ianques

(LEIA REPORTAGEM NA PÁGINA CENTRAL)

Há nove anos

Os Americanos Violam a Carta da ONU, Enquanto a U.R.S.S. Salva a Organização

TRANSCORRE no dia 24 do corrente mais um aniversário de fundação da Organização das Nações Unidas, criada na Conferência de São Francisco, na base do acordo entre as grandes potências responsáveis principais pelo esmagamento das forças agressoras na última guerra e pela manutenção da paz após o esmagamento definitivo da coligação nazi-fascista.

A Carta da ONU se baseia na coexistência pacífica dos povos de regimes sociais diversos, na cooperação internacional, na igualdade entre as nações grandes e pequenas e na manutenção da paz. A presença da União Soviética entre os membros fundadores da nova sociedade internacional e as exigências da opinião pública, asseguraram, na Carta da ONU, a consagração de princípios e de normas justamente capazes de inspirar fundadas esperanças a todos os povos do mundo, tanto os dos Estados vencedores, como dos Estados vencidos.

Todavia, em consequência da política imperialista norte-americana, a ONU se deixou arrastar pelo caminho inglório da Liga das Nações, que, como se sabe, encorajou os agressores e lhes permitiu desencadear a segunda guerra mundial. O exame rápido dos principais temas submetidos à ONU demonstra cabalmente a obra de solapamento das relações internacionais realizada no interior do próprio organismo encarregado de solidificá-las, por parte dos governos interessados na manutenção do colonialismo e da opressão.

Desarmamento e interdição das armas atômicas

Desde 1945, a União Soviética apresentou um projeto visando à proibição total e controlada internacionalmente dos meios de destruição em massa, sobretudo das armas atômicas. Os Estados Unidos bloquearam as propostas da URSS e, pelo contrário, apresentaram o Plano Baruch, patrocinado pelos grandes trustes e pelo Departamento de Estado.

O Plano Baruch, como as posteriores fórmulas americanas que dele são simples variantes, em lugar de basear-se na proibição da fabricação de armas atômicas, se baseia na regulamentação de seu uso. Fica, portanto, inteiramente aberta a porta para os fabricantes da morte que continuarem a acumular estoques para usá-los na primeira oportunidade.

Quanto aos projetos de desarmamento das armas convencionais, a URSS desde o fim da guerra propugna igualmente por sua diminuição de pelo menos um terço. Atualmente, a União Soviética aceitou como base para discussões, o próprio projeto anteriormente sugerido pela França e a Grã-Bretanha, demonstrando novamente sua boa vontade em afastar o flagelo da guerra, e aliviar os orçamentos de todos os países sobrecarregados com as despesas de guerra.

Luta contra a agressão

Em lugar de cumprir sua função precípua, a ONU, pelo contrário, constrangida pela pressão norte-americana, não teve atuação justa em nenhuma das agressões ocorridas no pós-guerra.

Dois exemplos são típicos: o da Coreia e o da Guatemala.

No primeiro, foi sob a bandeira da ONU que o imperialismo americano logrou realizar sua invasão, da qual decorreu uma guerra de três anos, quase transformada em conflagração geral. Armas bacteriológicas, bombas napalm e outros instrumentos ilegais de guerra foram empregados pelas forças da «ONU» que se deixou arrastar servilmente pelos trustes americanos, apesar da flagrante violação da resolução tomada pelo Conselho de Segurança e das propostas construtivas e pacíficas apresentadas pela URSS e outras delegações democráticas para pôr fim à luta.

A maioria mecânica do ONU, instrumento do impe-

rialismo, ainda teve o cinismo de declarar agressora a República Popular da China na Coreia, embora se saiba que cidades chinesas e não americanas foram as bombardeadas e que o ingresso dos voluntários chineses na luta só se realizou depois que a marcha das tropas da «ONU» passou a ameaçar diretamente a Mandchúria.

Quanto à questão da Guatemala, embora fossem evidentes os preparativos de invasão desse país por parte de mercenários contratados pela United Fruit, treinados e armados por militares ianques, o Conselho de Segurança, violando a Carta, recusou-se, por maioria de votos, a aceitar a queixa oficial que lhe foi apresentada pelo governo legítimo da Guatemala. Somente a delegação soviética prestou, no Conselho de Segurança, ajuda efetiva ao país agredido. A vergonhosa recusa do Conselho de Segurança, que novamente pautou seus atos pelas imposições do Departamento de Estado e se recusou a impedir a agressão foi, na prática, um auxílio decisivo para a derrocada do governo democrático da Guatemala e a instituição da ditadura terrorista que se apossou do país.

Direitos da China

Desde 1949, quando o povo chinês varreu a escória do Kuomintang e fundou a República Popular da China, a composição do Conselho de Segurança da ONU se tornou ilegal, pois continua a ser reconhecido como representando a nação mais populosa da Ásia o representante pessoal de Chiang Kai Chek. Nos termos da Carta da ONU, a China é membro nato permanente do Conselho de Segurança e sua ausência descreve a causa da paz. Como se sabe, foi a ausência do representante legal da China que permitiu aos Estados Unidos promoverem a reunião clandestina do Conselho de Segurança que, em junho de 1950, ratificou as ordens de Truman de invasão da Coreia.

Até hoje, a maioria americanizada da ONU não tomou qualquer medida para impedir o prosseguimento da violação, por parte dos Estados Unidos, da soberania da China, mediante a ocupação ilegal da ilha chinesa de Taiwan (Formosa) usada pelo comando ianque como base de ataque contra a navegação do Estreito de Formosa e para hostilidades de pirataria contra a China.

Admissão de novos membros

Importantes países do campo democrático e outros do bloco imperialista não pu-

deram até agora obter ingresso na Organização das Nações Unidas devido à intransigência norte-americana. O Departamento de Estado, enquanto forceja para a inclusão entre os membros da ONU de Estados fascistas como Portugal salazarista e a Espanha de Franco, usa o direito de veto contra os países de democracia popular.

A URSS propôs uma solução conciliatória em cujos termos seria permitido o ingresso em bloco de quatorze candidatos. Os americanos mantiveram até sua recusa discriminatória, impedindo, assim, que, com o ingresso de novos membros (entre os quais países importantes como Itália, Rumania, Hungria) a organização mundial ganhasse maior expressão.

Direito de veto

Contra o chamado «direito de veto» investem desde 1946 os norte-americanos pela razão simples de que o veto da URSS tem constituído o principal obstáculo ao derrocamento integral da ONU. Na realidade, o «direito de veto» é a «regra de unanimidade» proposta pela própria delegação americana na Conferência de São Fran-



A delegação soviética à Organização das Nações Unidas sustenta invariavelmente a tradicional política da U.R.S.S. em defesa da paz mundial, da autodeterminação e da independência nacional dos povos. Aplicando os princípios da Carta da ONU e velando pela sua observância, luta pela solução pacífica de todos os conflitos internacionais mediante entendimentos. Na foto: A. Zorin, A. Gromyko e A. Vychinsky durante uma das sessões da assembleia geral do organismo internacional.

cisco. O «direito de veto» se baseia no fato de que sem a anuência efetiva das cinco

grandes potências nenhuma medida poderá de fato ser efetiva em benefício da paz

e visa, por outro lado, impedir o domínio da organização por um grupo de países

U.R.S.S. defende a O.N.U.

Esse quadro geral da atuação da ONU demonstra que se não pode levar avante os planos grandiosos para cuja execução foi criada, isso se deve à luta pela hegemonia mundial e subjugamento dos outros povos travada, desde o fim da última guerra mundial, pelo agressivo imperialismo ianque.

Mesmo os ataques sistemáticos feitos à organização por parte dos norte-americanos demonstram perfeitamente que ela é útil como um fator de aproximação e entendimento entre os povos. Todavia, para que sirva

realmente aos nobres interesses a que se destina a Organização das Nações Unidas terá que livrar-se da tutela americana, restaurar a legalidade em seu seio com a inclusão da China e pautar-se pela Carta que é diariamente violada.

A URSS e os outros Estados democráticos, que tem sido a barreira intransponível aos destruidores da ONU continuarão a ser, no futuro, a viga mestra para que ela corresponda às esperanças, tantas vezes decepcionadas, que nela ainda depositam milhões de pessoas simples.



NOVO ATO DE AMIZADE SINO-INDIANA

A ATUAL VISITA do primeiro ministro Nehru à República Popular da China é, segundo ele próprio, um dos acontecimentos mais importantes da História recente da Ásia, pois fortalece as relações entre os dois povos mais numerosos da terra, os quais, juntos, somam quase um bilhão de seres humanos.

Não se trata de um acontecimento fortuito. Pelo contrário, a recente viagem de Nehru coroa uma obra de aproximação gradativa, fortalecida, há pouco, por dois atos de suma importância: a visita de Chu En-Lai a Nova Delhi, onde foram proclamados conjuntamente os cinco princípios básicos que China e Índia consideram indispensáveis às relações internacionais, e o acordo comercial entre os dois países.

No próprio dia em que partiu para a China, Nehru teve ocasião de afirmar que os tratados agressivos como os da OTASE têm duração efêmera, mas que a Índia e a China coexistem há dez mil anos e podem coexistir pelo menos outros dez mil anos. O primeiro-ministro indiano apoiou também as justas reivindicações da República Popular da China sobre a reincorporação da Ilha de Taiwan (Formosa) que os norte-americanos transformaram em base de agressão, e desmascarou a ação imperialista na Ásia.

O reforço da amizade sino-indiana significa um golpe mortal nos planos de agressão ianques para o Sudeste da Ásia e exercem uma influência decisiva sobre todos os países do Oriente, igualmente ameaçados pela política das potências colonialistas.

As relações sino-indianas são, por outro lado, exemplo do que pode aproveitar mutuamente a cooperação entre Estados de regimes sociais diversos — desde que baseada no respeito de ambas as partes — da igualdade de direitos

e da não interferência de um país em outro. Refletem, nesse sentido, a inalterável política dos países democráticos que não fazem aos outros países nenhuma exigência lesiva aos seus interesses nacionais.

Em relação à própria Índia, os fatos demonstram a radical diferença que há a esse respeito na atitude dos imperialistas. Como se sabe, a pretexto de fornecer «assistência econômica», o governo norte-americano exigiu dos governantes de Nova Delhi a concessão de bases navais e aéreas e assinatura de acordos militares, que tiveram de ser recusados como ofensivos à soberania da Índia e a sua posição amistosa para com a U.R.S.S. e a China. Recusadas suas pretensões, os americanos concertaram imediatamente um pacto agressivo com o Paquistão, apoiando-se em suas reivindicações sobre a Cachemira, ao mesmo tempo que encoraja os fascistas portugueses a transformar Goa, Diu e Damão — territórios indianos — em focos de guerra no Ocidente, onde já estão instaladas bases ianques.

A política de isolamento da República Popular da China mostra-se dia a dia uma política suicida para os próprios monopólios que querem transformar a realidade, à custa de negá-la. Enquanto os imperialistas, pretendendo impor um bloqueio econômico à China perdem um mercado de centenas de milhões de consumidores cujo poder aquisitivo cresce dia a dia, a China progride ininterruptamente e restabelece laços cada vez mais fortes com todos os países que não se pautam pelas exigências de Washington, tendo-se transformado na potência asiática e numa das maiores do mundo.

Esses êxitos palpáveis e reais constituem penhor cada vez mais seguro de que os novos planos imperialistas no Oriente estão fadados a malogros pelo menos tão grandes como os ocorridos até agora.

Para isto foi dado o golpe:

Imediata Entrega do Petróleo Aos Ianques

A furiosa campanha de intimidação e chantagem chefiada pelo dip americano, os patriotas respondem unindo-se sob a bandeira da Liga da Emancipação Nacional

LOGO após o vergonhoso empréstimo colonial negociado por Gudin, penhorando as nossas reservas ouro nos Estados Unidos aos banqueiros americanos, foi desencadeada no país violenta campanha contra a Petrobrás, pela imediata entrega do petróleo brasileiro aos monopólios ianques. Isto não é uma simples coincidência mas, sim, um sinal evidente de que nem só o ouro foi hipotecado. Outras condições, verdadeiras cláusulas secretas porque inconfessáveis, foram impostas pelos magnatas americanos aos seus fiéis servidores recentemente empossados pelo embaixador Kemper.

Comando único dirige o ataque

A furiosa campanha dos órgãos entreguistas não difere de um jornal para outro. São os mesmos e surrados argumentos sobre a incapacidade do Brasil e dos brasileiros, da falta de divisas, técnicas e recursos materiais com que nos ameaçava a Standard Oil na defesa do

derrotado Estatuto do Petróleo.

Também o que há de novo, nesta nova ofensiva dos trustes americanos através dos seus jornais publicados em português, é repetido ponto nos diversos órgãos do entreguismo. Repetem-se uns aos outros, batendo na mesma tecla de que a queda dos preços do café torna urgente e mais do que urgente a en-

Entre essas cláusulas secretas dum acordo colonialista negociado à revelia da nação e do parlamento figuram o estrangulamento da indústria nacional, o que está sendo feito através das recentes medidas que elevam a taxa de desconto e na prática impedem qualquer financiamento à indústria nacional, e a entrega imediata do petróleo com a liquidação sumária da Petrobrás, o que está sendo preparado por uma ofensiva em grande escala contra a Petrobrás.

Pelos frutos se conhece a árvore...

trega do petróleo, na mesma ameaça de que o Brasil está a pique de esgotar toda a sua capacidade de apra sóment. na aquisição de gasolina ou de que a Petrobrás, mesmo atingindo seu objetivo, não é capaz de resolver o problema do abastecimento de combustíveis líquidos do Brasil.

Os editoriais dos jornais entreguistas assemelham-se como duas gotas de água. Esta identidade revela facilmente a existência de um centro, de um verdadeiro dip americano, a comandar o ataque entreguista ao petróleo brasileiro. A nau capitaneada da esquerda entreguista, que julga chegada a sua hora com a tomada do Catete na madrugada de 24 de agosto é a embaixada americana.

«O Globo» adere «corajosamente» à Standard Oil

Entrando no cordão puxado pelo «Correio da Manhã», o órgão policial «O Globo» oferece uma explicação que provocaria o riso se não fosse repugnante. É que em seu tempo, o «Globo» arriscou algumas linhas a favor da Petrobrás. Não foi longe porque, com as emendas introduzidas no projeto saído do Catete graças à pressão popular, a Petrobrás criou dificuldades aos monopólios petrolíferos americanos.

Nessas condições, o «Globo», oferece uma explicação que prima pelo cinismo. A Petrobras, escreve, «de possível solução passou a projeto irrealizável». Essa é a «destemida» posição com que adere de coração lev à causa da Standard Oil.

E passa alegar que «pelo menos em tempo útil» a Petrobras não resolverá o problema. Vejamos qual é a realidade, pois mais depressa se apanha um mentiroso do que um coxo.

Por que nossa exportação está em crise?

O primeiro argumento dos entreguistas é que nossa exportação está em crise, que diminui sem cessar a capacidade de compra do Brasil no exterior.

«Em breve não teremos dinheiro para comprar petróleo no exterior, a não ser que voltemos toda a renda do café para esse produto», diz o «Globo».

O «Correio da Manhã» informa que estamos gastando 260 milhões de dólares com o nosso atual consumo de petróleo e derivados e que já não os teremos dentro em breve, a não ser que con-

celemos todas as demais importações».

Por que está tão desvalorizada a produção nacional? Por que recebemos cada vez menos pelo que vendemos e pagamos cada vez mais pelo que compramos? A resposta é uma só: é porque nosso comércio exterior está sob o monopólio dos americanos, é porque a submissão colonial do Brasil aos Estados Unidos nos isola do resto do mundo e impede o livre comércio com todos os países, a começar pela União Soviética e as democracias populares.

O argumento da falta de divisas para adquirir o que o país precisa trabalha em favor do restabelecimento de relações diplomáticas e comerciais com os prósperos países do campo do socialismo. Com eles poderemos comerciar e, pé de igualdade e na base de vantagens recíprocas, como acontece com a vizinha República Argentina que troca couros, laticínios, óleo de linhaça e outros produtos de origem agrícola por maquinaria e o mais moderno equipamento petrolífero que lhe manda a União Soviética.

O argumento da falta de divisas não justifica a entrega do petróleo a não ser para um punhado de traidores que há muito já se colocou fora da nação brasileira.

Não precisamos de dólares

Outro argumento que se volta contra os entreguistas é o crescimento do consumo de combustíveis líquidos à razão de 20% por ano. Uma pessoa honrada concluirá logo que o país necessita de go que o país necessita de incentivar energeticamente a suas suas fases. Produziu o petróleo o quanto ante Pois se não temos divisas, mas temos petróleo, se a sangria aumenta sem cessar mas dispomos da Petrobrás, é põ-la em funcionamento o mais rápido ante possível.

Mas o entreguismo, graças às divisas que lhe distribui generosamente a Standard Oil, responde que não dispomos de recursos iniciais para comprar as sondas, refinarias e tudo o mais. O «Correio da Manhã» chega ao cúmulo de alegar que o Conselho Nacional do Petróleo dispõe apenas de 20 unidades de sondagem com capacidade de perfurar somente 1 km e pouco mais por sonda-ano, além de possuir um reduzido grupo de técnicos. E nós precisamos de 250 unidades e uns 2.000 técnicos. E como «improvisar» esses técnicos e «obter» os recursos para a aquisição

Reforcemos a Liga da Emancipação Nacional

A Campanha entreguista está descaimada. O governo udeno-americano controlado pelos entreguistas Juarez e Eduardo Gomes espera que a gritaria intimide os patriotas e prepare o clima para a mais rápida entrega do petróleo. O perigo é imenso porque os homens dos trustes estão no poder.

Por isso mesmo, no momento atual a resposta dos patriotas deve ser mais vigorosa e decidida do que foi a vitoriosa campanha contra o Estatuto do Petróleo, a união patriótica deve ser ainda mais ampla e combativa do que durante a memorável campanha do petróleo é nosso. Os patriotas dispõem agora dos meios indispensáveis para a mais rápida e potente mobilização das massas de milhões de brasileiros. Esse instrumento é a Liga da Emancipação Nacional, organização patriótica, sem partido, na qual os brasileiros de todas as correntes e tendências podem e devem congregarem-se para esmagar mais essa tentativa dos emperrados e impenitentes serviços dos piores inimigos do Brasil, os monopólios americanos.

EDIÇÃO ESPECIAL DA «VOZ»
Em Homenagem à Coluna Prestes

No próximo dia 29 de outubro nosso povo festejará a Coluna Prestes em todo o país o 30º aniversário. A grande data, que o povo inscreveu no calendário patriótico de nossa terra por cima e contra a vontade dos governos, não figura nos compêndios oficiais, não é recordada nos programas escolares. A reação procura de todos os modos forçar o olvido da gran-epopeia.

Mas a ninguém é possível apagar a lembrança dos feitos imortais da Coluna Invicta que levou o facho da luta pela liberdade aos mais remotos recantos do Brasil. Não há força humana capaz de arrancar o Cavaleiro da Esperança do coração do povo.

Em homenagem à grande data, VOZ OPERÁRIA circulará em edição especial inteiramente dedicada à Coluna Prestes, com amplas reportagens, artigos e diversos trabalhos sobre a Coluna e sua significação para as lutas atuais do povo brasileiro pela paz, a liberdade e a emancipação nacional.



dos equipamentos respectivos?

Esses senhores falam como se no mundo só existissem os Estados Unidos. A União Soviética, a Tchecoslováquia, a Rumânia nos oferecem equipamento petrolífero, sondas, refinarias e tudo o mais em troca do mesmo café pelo qual os americanos pagam cada vez menos, em troca do algodão do cacau, do açúcar que não encontram preço no mercado controlado por Wall Street.

Entretanto, os entreguistas não se dão por achados. O «Correio da Manhã» alega que mesmo que a Petrobrás alcance seus objetivos, somente arrecadará dinheiro em cruzeiros e com cruzeiros não se compra coisa alguma no exterior. Afinal esses senhores querem petróleo ou dólares?

A questão não consiste em saber se a Petrobrás somente receberá cruzeiros. A questão consiste em que, com a Petrobrás produzindo petróleo com equipamento adquirido sem necessidade de dólares, também cessa a necessidade de despender divisas com a aquisição de petróleo. E essas divisas ficarão livres para adquirir outras coisas que necessitamos comprar no estrangeiro.

Além do mais, com a Petrobrás nas mãos dos americanos, os lucros que ela proporcionasse pertenceriam também aos americanos. E aí, sim, os cruzeiros se transformaram em dólares para a remessa dos lucros ao exterior, aos Estados Unidos. Mas é exatamente isso que os entreguistas querem. Aí é que está a divergência. Os entreguistas se batem para que o petróleo seja uma fonte de lucros para a Standard Oil e subsidiárias. Os patriotas lutam para que o petró-

leo seja um fator de riqueza e bem-estar para os brasileiros, pois o petróleo é nosso.

Nenhuma refinaria para os americanos

Os entreguistas lançam a pitoresca palavra-de-ordem de «obrigar», de «impor às companhias distribuidoras, atualmente operando no país, a obrigação de inverterem capitais, em associação com o capital privado nacional, para nos dotarem de capacidade de refinação». É o mesmo que obrigar o lóbo a devorar sua presa.

Mas o «Correio» desmascara seu parceiro o «Globo» ao dizer que «como se sabe, a refinaria de petróleo, seja do Estado, seja de particulares sob o controle do Estado, é um excelente negócio, acima de riscos e prejuízos...».

Eis o porquê do slogan de «obrigar» a Standard a montar refinarias.

Não. Os interesses nacionais exigem é que o elevado custo da pesquisa e extração do petróleo seja coberto justamente pelas refinarias brasileiras (adquiridas sem dólares, pagas com café às fábricas soviéticas). A entrega da concessão do refino é o primeiro passo para a entrega de tudo. Não o consentiremos jamais. O que é preciso, enquanto não produzirmos o petróleo bruto na medida do necessário (e poderemos até exportá-lo um dia, pois, informa o «Correio» que poderíamos chegar a produzir quase tanto petróleo quanto os Estados Unidos) é comprá-lo e refiná-lo aqui. O que é preciso é acabar com esta situação em que os americanos nos proibem de adquirir petróleo bruto até do México...

Conferência dos Colonizadores Americanos e Seus Satélites

NO MES de novembro próximo realizar-se-á no Rio de Janeiro uma Conferência Econômica entre os Estados Unidos e os países semicoloniais do hemisfério, subordinados ao imperialismo ianque. Essa reunião, originada na Conferência de Caracas, onde Dulles, Holland e os demais delegados do Governo de Washington bloquearam os debates de assuntos econômicos não oferecerá nenhum benefício nem ao povo brasileiro, nem aos povos irmãos do continente.

Pelo contrário, ela se define como uma nova assembléia de colonização, destinada a assentar medidas favoráveis aos capitalistas norte-americanos.

A situação econômica dos países latino-americanos se caracteriza pela pauperização crescente das massas, a perda acelerada da independência nacional, o monopólio do comércio exterior por parte dos Estados Unidos e dificuldades econômicas insuperáveis dentro do atual quadro de dependência estreita aos monopólios ianques.

Relegados a um plano de meros exportadores de matérias-primas, o Brasil e as outras repúblicas latino-americanas apresentam, ao mesmo tempo, déficits na balança de pagamentos, agravados pela queda dos preços de seus produtos de exportação. Seja o café brasileiro, o estanho boliviano, o cobre chileno ou a lã e o couro argentinos, para ficarmos apenas nesses exemplos, os preços estão em baixa acentuada, acentuando ainda mais os fatores de crise.

O programa da Conferência é conhecido. Trata-se de articular as economias continentais, na base de distinção entre país industrial (os Estados Unidos) e países fornecedores de matérias-primas e produtos agrícolas (todos os demais).

Mereceram especial destaque nas discussões preparatórias: as facilidades para investimentos ianques; o incremento da «cooperação técnica» voltada especialmente para os assuntos agrícolas e a mineração e o aumento das exportações para os Estados Unidos.

Tal programa já está sendo executado pelo Governo Juarez-Café que se dispõe a entregar aos capitais americanos o petróleo e as outras riquezas nacionais, cumpre os planos a Comissão Mista Brasil-EE.UU. e defende oficialmente a tese de que é preciso vendêmos mais, a menores preços.

Mancomunado com os trustes o Governo se recusa a tomar qualquer medida patriótica. Nega-se criminosamente ao estabelecimento de relações diplomáticas e comerciais com a URSS e outros países democráticos, medida capaz de aliviar prontamente a crise comercial e de assegurar o desenvolvimento independente da indústria nacional.

A próxima Conferência Econômica exige de todos os patriotas pronta resposta, mediante a popularização das soluções realmente de interesse nacional, que devem ser contrapostas à propaganda nefasta que terá novo incremento durante os trabalhos dos quislings reunidos.

Contra o programa dos entreguistas cabe divulgar mais ainda a Carta da Emancipação Nacional, fundar novos núcleos da Liga e esclarecer e organizar novos setores que sejam ganhos para as posições as justas constantes do programa do P.C.B.

Serão Anuladas as Dívidas Aos Banqueiros Americanos

Pergunta: O Empréstimo feito pelo sr. Gudin nos Estados Unidos agrava a situação de dependência do país aos imperialistas norte-americanos? Qual a nossa posição em face de empréstimos desse tipo?

(Josaphá Cordeiro — E. de S. Paulo)

Resposta: O vergonhoso empréstimo feito pelo sr. Eugenio Gudin nos Estados Unidos ilustra bem o tipo de relações econômicas e financeiras que mantemos com os Estados Unidos. Não se trata de um país que negocia com outro, na base de vantagens mútuas e em igualdade de condições. Mas de «negó-

cios» em que os representantes do Brasil aparecem como lacaios submissos e aceitam as condições impostas pelos banqueiros norte-americanos, condições que visam, como é evidente, assegurar exclusivamente seus interesses de rapina, seus lucros fabulosos e seus privilégios, em prejuízo do interesse nacional.

Por que se dá? O Programa do P.C.B. nos mostra que isso ocorre porque os imperialistas norte-americanos detêm em mãos as posições-chave da economia nacional, penetram em todos os poros da vida brasileira, dominam o aparelho estatal, enfim. Para subjugar nosso país, os monopólios dos Estados Unidos aliam-se às classes que detêm o poder em nosso país — os latifundiários e grandes capitalistas — cujos interesses coincidem com os dos dominadores ianques.

Assim, mantém-se um sistema de espoliação da economia nacional que se reflete nos negócios, nos empréstimos e transações feitos com os Estados Unidos. Graças a esse sistema, todas as riquezas produzidas pelos trabalhadores nacionais e que são objeto de exportação valem cada vez menos. Isto é, precisamos exportar uma quantidade cada vez maior de produtos em troca do que importamos dos Estados Unidos. Se antes precisávamos, digamos, de dez sacas de café para conseguir os dólares para importar um automóvel americano, hoje precisamos de muito mais.

Em virtude de nosso comércio exterior se encontrar inteiramente dominado pelos trustes americanos fica assegurado esse sistema de trocas desiguais. Nossa moeda se desvaloriza e, graças a isso, as exportações que fazemos para os Estados Unidos não dão para cobrir o que importamos de lá. Daí o acúmulo de dívidas. Para pagar essas dívidas, o governo contrai novas, em condições onerosas, o que coloca em situação ainda pior nos negócios com os Estados Unidos, agravando-se cada vez mais a dependência da economia nacional ao imperialismo norte-americano.

Esse mecanismo explica o estranho empréstimo feito pelo sr. Gudin. Os banqueiros ianques emprestaram 160 milhões de dólares, mas, desse dinheiro, não veio um tostão para o Brasil; metade é para pagar um empréstimo anterior e outra metade é para cobrir nossas importações. Entretanto, mais alguma coisa foi arrancada ao Brasil pelos ianques. Para obter tal «empréstimo» Gudin penhorou o ouro que o Brasil tem em reserva nos Estados Unidos (e não aqui) como resultado das enormes vendas feitas pelo Brasil aos EE.UU. de matérias-primas e gêneros, a baixo preço, durante a guerra.

O que se verifica é que as dívidas contraídas aos Estados Unidos não constituem compromissos válidos, isso porque são produtos da expropriação e da trapaceira, estão pagas e repagas pela constante drenagem das riquezas nacionais para os bancos de Washington através da bomba de sucção que representa a dominação americana sobre o nosso país.

Diante de tais empréstimos e dívidas, a única posição patriótica é a indicada pelo Programa do P.C.B. que diz, em seu item N.º 2: «Confiscação de todos os capitais e empresas pertencentes aos monopólios americanos que operem no Brasil e anulação da dívida externa do Brasil com o governo dos Estados Unidos e os bancos norte-americanos».

É possível reconhecer como dívida aquilo que é arrancado ao país em troca de nada, ou melhor, com prejuízo imenso para o desenvolvimento do país e à custa do empobrecimento crescente do povo? O povo brasileiro só pode reconhecer os compromissos contraídos à base de relações de igualdade e de vantagens mútuas, nunca o produto da pilhagem. Se nosso país, como ocorre sob o governo dos Gudin, se ativesse aos «compromissos» acumulados com os banqueiros americanos, jamais conseguiria se libertar economicamente, progredir e se desenvolver de maneira independente. Estaria fadado a se tornar uma colônia ianque.

Mas essa não é a perspectiva que interessa a milhões de brasileiros, a todos os patriotas. Para estes o caminho certo é o da independência nacional, o do livre desenvolvimento do país, o da conquista de um regime de liberdade e bem-estar, é o caminho da salvação nacional apontado pelo Programa do Partido Comunista.

Programa do P.C.B. O Povo Debate o Programa do

OS ÚLTIMOS acontecimentos políticos e os que se processam, vieram confirmar a justiça e, principalmente, mostrar a profundidade de conteúdo da afirmação do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, de que o inimigo principal, o maior e mais rancoroso inimigo de nosso povo, é o imperialismo ianque e que hoje, através de seus mais descarados e categorizados agentes, dominam de fato o poder político em nossa Pátria.

O atual governo pode ser considerado um divisor de águas. Para se saber quem é patriota e quem é inimigo do povo, basta verificar a sua posição frente ao governo que ora exerce o poder. Não há lugar para neutros; torna-se agora ainda mais atual a afirmação de Prestes de que «na atual situação, a indiferença, o comodismo, constituem crime de lesa-Pátria».

Nunca, portanto, foi mais

O IMPERIALISMO IANQUE, O PRINCIPAL INIMIGO

Jairo Mendes

(Distrito Federal)

urgente a necessidade, ou melhor, a obrigatoriedade, da aplicação da prática imediata da palavra-de-ordem do P.C.B. e de Prestes, de União e luta contra o imperialismo ianque, contra o qual devemos concentrar o fogo de nossa luta, tarefa esta traçada com precisão e clareza no Projeto de Programa do Partido Comunista do Brasil.

Não há dúvida de que o governo americano que aí está é um governo militar-fascista, provocador de guerra, que tem como objetivo imediato — e para isto assaltou o poder — transformar nosso país em colônia dos Estados Unidos; suprimir todas as conquistas econô-

micas, políticas e sociais de nosso povo, particularmente da classe operária, e fazer de nossa Pátria uma Espanha de Franco ou um Portugal de Salazar.

Com medo do povo, das imensas forças democráticas e progressistas que crescem, que receberam agora um grande impulso — atuam, em toda a nação, os golpistas tentam com palavras, esconder seus objetivos sinistros, ganhar tempo. Mas o caráter do novo governo está patente nas figuras que o compõem, de elementos repudiados e odiados pelo nosso povo como agentes do imperialismo americano.

É, pois, um governo que mancha a honra nacional de nosso povo e que só sairá do poder pela força da união dos patriotas.

O imperialismo ianque, derrotado e expulso de todas as partes do globo, quer, desesperadamente, dominar por completo a América Latina e, para levar a cabo este plano, precisa primeiro dominar o Brasil; os imperialistas não estão dispostos

e nem se conformarão em entregar as posições que acabam de conquistar. Essas posições só poderão ser arrebatadas aos colonizadores pela força. Tem que ser tomadas!

Sabem os imperialistas americanos e seus agentes que, legalmente, nunca teriam conseguido tais posições, como, legalmente, não conseguirão mantê-las. É fácil, pois, imaginar que se não lhes fôr oposta uma tenaz e decidida resistência, eles nos levarão para o caminho da completa colonização.

Os colonizadores só poderão ser barrados — como inevitavelmente serão e já estão sendo — pela união e ação das forças democráticas e progressistas em nosso país lideradas pela poderosa e invencível classe operária.

Só o povo nas ruas e os comícios, protestos passeatas e greves — como vêm alertando os líderes de nosso povo e da classe operária — poderão mobilizar essas forças para impedir, e impedirão, a infiltração da ditadura fascista, para garantir a realização de eleições livres, fazer respeitar a Constituição e as liberdades democráticas.

Jairo Mendes

Os Desprezíveis

V. COSTA

(Vitória — Espírito Santo)

A luta do povo brasileiro pela libertação do país atinge uma etapa decisiva: poderosa frente-única de todos os patriotas se forma, forja-se a unidade de comunistas e trabalhadores em vários Estados, a aliança operário-camponesa caminha a passos largos, enquanto o proletariado lança-se em audaciosas greves, o mesmo acontecendo com os camponeses que dia a dia organizam-se no fragor dos combates pelos seus direitos, pela posse da terra.

Aperta-se efetivamente o cerco contra os traidores da pátria, contra os elementos reacionários que ainda acreditam poder a roda da história girar ao contrário. Estes, então no poder, lançam mãos do que possa existir de mais sórdido visando frear a luta do povo brasileiro. É assim que surgem os Lacerdas «et caterva», uma série dos mais desprezíveis e repelentes indivíduos.

Ainda, outro dia, em plena greve dos ferroviários, um desprezível delegado da polícia encontrou repelentes indivíduos que traíram vergonhosamente a honrada classe dos ferroviários, conduzindo um trem até Itapemirim. O fato em si foi insignificante, não afetando o movimento paredista, mas o estigma da traição, da vergonha, pairou sobre aqueles que traíram a luta de seus companheiros, acovardando-se na hora da luta.

A classe dominante, nas horas em que o povo se levanta contra as injustiças,

contra os escândalos, passa a falar em «justiça incorruptível», em respeito às decisões dos tribunais e outras coisas mais, enquanto o povo se vê traído. Por ocasião das eleições, juizes, entre eles alguns togados (200 contos custaram as togas), numa atitude insolente traíram o povo, rasgaram a Constituição, desrespeitaram as leis, cassando os mandatos de representantes do povo, fato que coloca estes «juizes» entre desprezíveis elementos que teimam em frear o avanço da sociedade, o avanço da classe operária na vanguarda das lutas de libertação de nosso povo.

E na medida que a luta do povo avança, novas forças se incorporam na legião de patriotas, democratas que desejam dias melhores para o povo brasileiro. Ao mesmo tempo se dá a defecção dos traidores e dos covardes e a expulsão dos inimigos ali infiltrados para torpedear o avanço das forças democráticas.

É assim que par a par com a gigantesca força do povo brasileiro surge um sem número de repelentes indivíduos, a serviço dos traidores da pátria, muitos deles unidos no «combate ao comunismo», indústria rendosa nos dias atuais. Para estes o povo tem uma resposta à altura: olhai para a Princesa do Norte, Colatina, onde o povo rasgou, pichou, queimou e arrancou as faixas de traidores da pátria, desprezíveis nazistas, que pediam união em torno de seus nomes, para o «combate ao comunismo».

NA SENDA DA PREPARAÇÃO

GUERREIRA

ARTUR CAMPOBELO

(Curitiba — Paraná)

O governo de traição de Café Filho transforma em lei a vontade dos seus patrões americanos, é um instrumento dos incendiários de guerra. Ele está perfeitamente retratado nas denúncias candentes do Programa do PCB. Agora mesmo foram publicadas na imprensa local as instruções sobre a incorporação de jovens às fileiras.

Tais instruções, parte delas publicadas no «Estado do Paraná» de 5 de outubro, demonstram que os americanos, através do governo de Café Filho, intensificam os preparativos de guerra, pretendem levar milhares de jovens brasileiros para o matadouro da guerra que preparam. Assim, a nota daquele jornal, afirma que a portaria é um longo documento em que são previstas todas as necessidades das forças armadas de Terra, Mar e Ar, no tocante a pessoa física, ou seja o chamamento ao serviço militar, de vários milhares de jovens. E mais adiante: Será convocada a classe de 1936, além dos cidadãos das classes anteriores em débito com o serviço militar. Também se

rão convocados os cidadãos que tenham optado pela nacionalidade brasileira e os naturalizados menores de trinta anos, cujo ato de naturalização tenha sido publicado entre 7 de junho de 53 e 7 de junho de 54. E em seguida: Terão prioridade para incorporação em igualdade de condições sob o ponto de vista de seleção: a) os brasileiros em débito com o serviço militar. b) Os que, até 31 de dezembro de 1954, forem desligados dos T. G., C. P. O. R., o que, por força dos regulamentos respectivos, devem ser incorporados ao Exército.

Como vemos, trata-se de incorporar milhares de jovens em tempo de paz nas forças armadas, inclusive aqueles cidadãos que possuem carteiras de terceira categoria, porque na época em que se apresentaram, figuravam no quadro excedente das classes anteriores. Nada justifica isso, senão o desejo dos imperialistas americanos através do governo de Café Filho, tentarem de todas as maneiras, fascitizar o exército brasileiro, utilizar a juventude brasileira como carne para canhão.

A divisa do governo Café para os sindicatos:

Dividir e Desmembrar Para Poder Escravizar

O ATAQUE do governo de Café Filho ao movimento sindical se desenvolve sob diversas formas. Seu objetivo é destruir todos os direitos consagrados na Constituição e substituir a Legislação Trabalhista conquistada através de anos e anos de árduas lutas por um sistema de controle cor-

porativo, já enunciado pelo general Juarez, para atender as exigências das empresas americanas e dos grandes tubarões nacionais. Para isso, porém, entendem os governantes que é preciso desde logo anular a liberdade sindical e destruir a crescente unidade dos trabalhadores.

Isto se passa em plena capital do Brasil: um motorista da Light forçado a trabalhar entre soldados armados. A Constituição, a liberdade de trabalho, os mais elementares direitos do cidadão vão por água abaixo neste simples episódio. Eis um aspecto do "programa" do governo de Café!



Trabalhadores do porto do Rio quando largavam o serviço às 16 horas, a despeito da brutal intervenção do governo, que quer liquidar com a jornada de 8 horas

Contra os Sindicatos únicos

Nos últimos dias diversas medidas vêm sendo tomadas já não somente para tentar impedir a ação comum de sindicatos de diferentes profissões e indústrias, mas para desmembrar os operários em sindicatos de uma única profissão ou de uma única empresa. O governo, por

Judas Napoleão de Alencastro Guimarães, ousa, assim, golpear abertamente o princípio de um sindicato por indústria, base da unidade, e aplicar aqui os métodos de organização sindical dos pelegos americanos. Neste sentido, alguns passos estão sendo ensaiados.

Ataques aos marítimos

Alencastro assinou portaria apartando os contramestres dos quadros do Sindicato dos Marinheiros, um dos mais fortes entre os trabalhadores do mar. Estes têm sua ação dificultada pela multiplicidade de sindicatos criada anteriormente. Entretanto, vencendo tais obstáculos, estabeleceu-se a unidade de ação entre as diversas categorias de trabalhadores marítimos, como se tornou evidente nas grandes greves nacionais dos trabalhadores do mar realizadas nos últimos tempos. Visando a destruir essa unidade o governo golpeia agora um dos sindicatos mais fortes, desmembrando sem consultar seus associados, numa flagrante violação do direito de organização sindical e da liberdade sindical.

Golpe nos aeronautas

Outra medida contra a unidade sindical foi o desmembramento do Sindicato de Aeronautas, dirigido pelo comandante Arruda. Este havia denunciado precisamente o plano divisionista do ministério do Trabalho, em nome de seus companheiros do ar, que têm dado mostras evidentes de combatividade em memoráveis greves. Agora o governo desfecha o ata-

que, criando artificialmente o «Sindicato Nacional dos Pilotos em Transportes Aéreos», e colocando-o em mãos de conhecidos pelegos. Com isso visou igualmente enfraquecer a posição do líder Arruda, que teria de se transferir de seu sindicato para um sindicato organizado já sob o controle absoluto do ministério do Trabalho.

Outros golpes no mesmo estilo estão sendo tramados. Pretende o governo desmembrar o Sindicato dos Jornalistas, o dos Trabalhadores em Moinhos e Massas, o dos Trabalhadores na Indústria do Açúcar, etc.

A heróica resistência aos portuários cariocas

Ao lado das medidas contra a unidade sindical, que está despertando a mais viva repulsa não somente nos setores afetados, mas em toda a massa trabalhadora, o governo trata de avançar no plano de intimidação e garroteamento do movimento sindical. Sob esse aspecto, é significativa a enorme pressão que vem sendo exercida sobre os trabalhadores do porto, no Rio de Janeiro.

Utilizando uma portaria fascista, recentemente baixada pelo governo (portaria 129), Alencastro quer manter e dissolver a União dos Servidores do Porto. Por que? Porque os portuários se negam a trabalhar aos domingos e, aos sábados, de-

pois das 16 horas. Quer o governo, assim, forçar os trabalhadores a fazerem horas extraordinárias. E isso por exigência dos trustes americanos. Em reunião realizada há cerca de um ano nos Estados Unidos, as empresas marítimas decidiram aumentar de 25% os fretes para o Brasil sob o pretexto de que a descarga em nossos portos é muito «demorada».

Em perigo a jornada de 8 horas

Investe, assim, o governo do sr. Café Filho, simultaneamente contra a liberdade de trabalho dos cidadãos, e contra a jornada de oito horas, conquista consagrada mundialmente e da qual os trabalhadores do Brasil não abdicarão em hipótese alguma.

O Sindicato para os ferroviários

Os trabalhadores de todo o Brasil sentem que a resistência dos portuários do Rio e de outros setores profissionais aos golpes do governo é uma luta que diz respeito a todos. O Sindicato dos Ferroviários da Leopoldina continua sob intervenção, depois de ter organizado e liderado a luta dos ferroviários por direitos que nem sequer o governo ousou pôr em dúvida. Trata-se agora de devolvê-lo a seus legítimos donos — os associados — e para tanto se empreende uma luta que compreende desde as medidas jurídicas cabíveis no caso até a solidariedade ativa de todos os demais sindicatos e luta de massas dos ferroviários.

Diretorias sindicais eletas permanecem sem serem empossadas, como o Sindicato da Carris no Rio. Assembléias sindicais estão sendo atacadas pela polícia. Tenta-se desencadear a violência contra o Congresso Sindical de Minas Gerais. Aqui e ali o governo americano de Café val procurando levar a cabo sua guerra contra a classe operária e o povo, tentando liquidar o movimento sindical, acabar com a Previdência Social e instituir um regime de incontrolada carestia, em benefício dos exploradores do povo e, sobretudo, dos trustes americanos, que correm sobre nossa pátria.

Carta dos direitos sindicais

A todos esses atentados os trabalhadores respondem com a unidade de ação em seus sindicatos, ligando-se cada vez mais a outras camadas da população na luta pelo congelamento dos preços e dos impostos e no grande combate pela emancipação nacional do jugo americano.

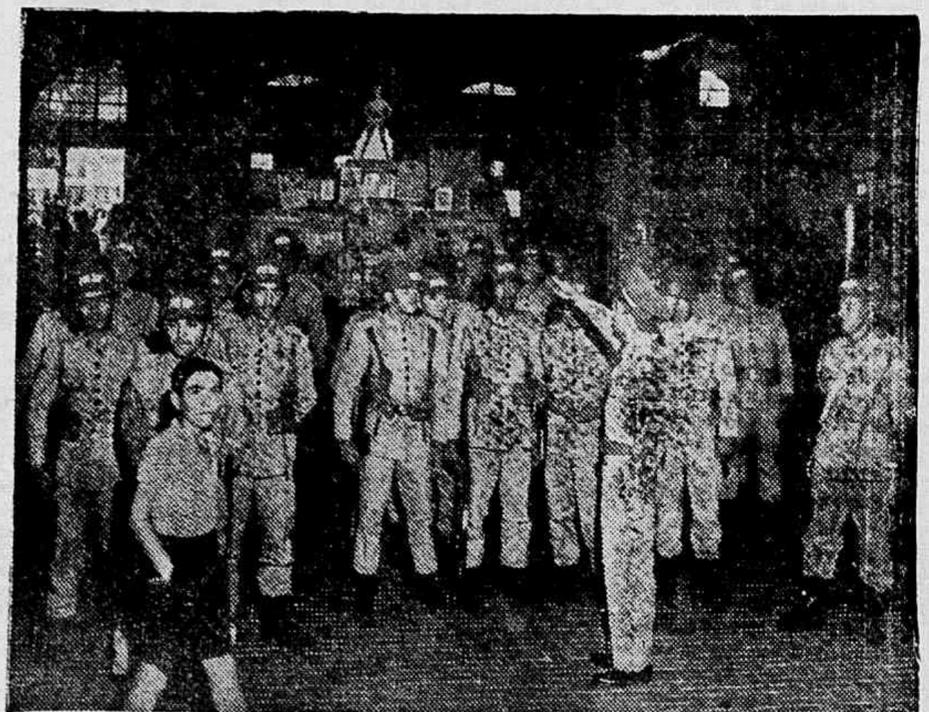
Para defender a liberdade e a unidade sindicais muito há de contribuir a discussão da Carta dos Direitos

Sindicais, elaborada pelo III Congresso Sindical Mundial para ser debatida pelos trabalhadores de todo o mundo. Trata-se de um documento contendo todos os direitos e liberdades que constituem o programa mínimo dos trabalhadores do mundo de hoje. Al estão as reivindicações que cumpre conquistar ali onde ainda não foram ob-

tidas e os direitos a preservar, onde já foram conquistados. A discussão que se vem realizando por iniciativa dos sindicatos e outras associações de trabalhadores em nosso país, torna grande mais clara para as grandes massas trabalhadoras e a consciência de seus direitos mínimos e impulsiona a luta por suas reivindicações.

Unidade, arma da vitória

É evidente que a ofensiva do governo de Café contra o movimento sindical cairá no vazio se os trabalhadores prosseguirem com firmeza na luta por suas reivindicações fundamentais, estreitando ainda mais suas fileiras e estabelecendo novos elos na ação comum de todos os sindicatos. Para isso muito contribuirá o estreitamento da aliança entre comunistas e trabalhistas no movimento sindical, as duas correntes com maior influência entre as massas trabalhadoras. A unidade de ação vem se forjando de há muito nos sindicatos. Hoje, porém, ela está sendo conduzida mais adiante, revigora-se na luta comum contra atos concretos do governo, como a intervenção no Sindicato dos Ferroviários da Leopoldina e o ataque à União dos Servidores do Porto, na luta contra o desmembramento dos sindicatos e a portaria 129, na luta, enfim, pela defesa da própria Constituição e da legislação trabalhista, cuja destruição os governantes vêm procurando levar a cabo abertamente. Trilhando os trabalhadores o caminho da unidade, a derrota do governo estará assegurada e mais uma vez, os trabalhadores, unidos ao resto do povo, farão valer sua vontade, preservando e fortalecendo o movimento sindical, salvando dos assaltos dos bandidos as suas queridas casas, suas fortalezas — os sindicatos.



A gare Barão de Mauá, no Rio, ocupada por forças da Polícia Militar. Os ferroviários da Leopoldina contam com a solidariedade dos trabalhadores de todo o Brasil na luta para libertar seu Sindicato da intervenção policial

UM «GOVERNO MARAVILHOSO» PARA OS TRUSTES IANQUES

EM APENAS DOIS MESES, o governo saído do golpe de 24 de agosto já prestou tantos e tão assinalados serviços aos trustes norte-americanos que o embaixador ianque, mister James Scott Kemper, declarou alegremente à imprensa novaorquiana:

— O sr. João Café Filho, novo presidente de Brasil, é um homem capaz. Escolheu um gabinete maravilhoso.

Nunca os americanos estiveram tão satisfeitos. Homens provados no serviço direto dos trustes como Guadin, Raul Fernandes, Seabra Fagundes, Eduardo Gomes, o fiel executor do "Acordo Militar", e o campeão do entreguismo, Juarez Távora, formam o núcleo de um governo que não perde um minuto em cumprir as ordens dos senhores da guerra e do dólar. Mesmo uma rápida vista d'olhos sobre a atuação e as iniciativas da "maravilhosa" administração golpista oferece um quadro impressionante de atos e fatos que batizam o caminho pelo qual, em marcha batida, procuram arrastar o Brasil à condição de colônia americana.

O POVO COME DEMAIS

Que se poderia exigir de melhor para realizar a política de carestia e fome do que um integralista? Lá está, na Cofap, o velho fascista Pantaleão Pessoa. Cabe-lhe tomar as medidas práticas para impor ao nosso povo o chamado regime de "austeridades" que os golpistas empregam no sentido de "apertar o cinto".

Toda a orientação da Cofap está resumida nesta afirmação de seu presidente: o povo come demais, existe excesso de consumo. Esta é a tradu-

ção mais simplificada possível da «teoria» do sr. Café Filho, segundo o qual o "lârio-minimo" é o culpado da carestia. E' preciso, pois, reduzir os salários, baixar ainda mais o padrão de vida de "nosso povo, comer e vestir menos, morar pior.

E' claro que os americanos e seus associados só podem achar «maravilhosa» tal política. Foram liberados os preços da carne. A resolução foi acompanhada de clinicadas "firmes" sobre a necessidade de se consumir menos carne para

que os bovinos tenham mais dias de vida. Os frigoríficos americanos assim aumentam mais seus fabulosos lucros.

Já está assentado o aumento das tarifas de transportes coletivos no Distrito Federal, estão na boca novos aumentos das taxas de luz e telefone. E' o reino das «maravilhas» para a Light cujos lucros vão ser maiores ainda.

A mantega, que a grande massa do povo já não comia, torna-se agora um artigo de preço proibitivo e que terá de desaparecer das mesas das camadas médias da população. O pão que consentem ao povo comer é pago ao preço das reservas de minerais ramos do Brasil. Café troca nossas reservas de minérios raros por trigo velho, há anos armazenado nos Estados Unidos. Assim justifica o saque americano com a fome do povo.

A política do governo Café-Juarez precisa da carestia, não pode passar sem a carestia. A fome é uma das suas armas de terror e intimidação. Com o empobrecimento framente calculado da nação brasileira pretende forçar a submissão aos colonialistas ianques.

Quando se consumiu o golpe, a imprensa norte-americana deu logo seu crédito de



«O PETRÓLEO É A PEDRA DE TOQUE»

confiança à camarilha que subiu ao poder pela força das armas. O «New York Times», escrevendo a propósito da viagem de inspeção do fiscal de Wall Street ao Brasil, «nr.

Holand, deixou bem claros seus objetivos ao dizer que o petróleo é a pedra de toque». Mas declarou também que, de imediato, se tratava apenas de medidas preliminares, dada a «efervescência nacionalista».

O mesmo jornal de Eisenhower já considera que chegou o momento de agir. Guadin é classificado nas suas colunas como o homem necessário, no lugar necessário e no momento necessário». De volta dos Estados Unidos, o «homem necessário» do «gabinete maravilhoso» dos americanos desencadeia a nova campanha entreguista do petróleo. O governo Café Filho entrega o Brasil de mãos e pés atados aos americanos para que lhe encostem a laca no peito — não entregar o petróleo é «culcão».

Desencadeia-se uma furiosa campanha entreguista revivendo todos os falidos e desmoralizados «argumentos» com que o sr. Juarez Távora sustentou o derrotado «estatuto do petróleo».

INTIMIDAÇÃO E TERROR IANQUE

A propaganda que sai do Catete é uma desesperada tentativa de intimidar a nação brasileira. Argumenta que mais da metade, 60% do que produzimos e exportamos, é para comprar a gasolina que se queima. Nessa marcha até 1956 os brasileiros trabalha-

O terror policial, a violência e a mão armada contra os trabalhadores em luta por melhores salários, eis a política "trabalhista" do Juntas Napoleão. Esmagar o movimento operário, colar a dorso da resistência patriótica, é o objetivo dos vendilhões da pátria.



ESTRANGULAMENTO DA INDÚSTRIA NACIONAL PELOS BANCOS AMERICANOS

Todos os passos e medidas do governo Café desembocam no mesmo estuário entreguista. As instruções que acabam de ser adotadas pela Sunoc em relação aos depósitos e créditos bancários e as medidas de liquidação dos Institutos de previdência social coincidem na mesma finalidade de entregar o controle dos bancos e dos seguros sociais às organizações da alta finança americana.

De um lado é feita a campanha sobre o descalabro dos Institutos, sem que o governo mova uma palha para pagar os 15 bilhões de cruzeiros que lhes deve. Prepara-se, assim, o terreno para uma reoferta já em elaboração e que se apresenta como «salvação» abrir suas portas às companhias de seguro ianques.

De outro lado, tomam-se medidas que significam simplesmente o controle do crédito bancário nas mãos de meia dúzia de grandes bancos, entre os quais avultam os que se associaram ao «Chase Bank» de Rockefeller, através da companhia de investimentos «qui fundada pelo dono da Standard Oil. Guadin e Clemente Mariani reduziram as taxas de

juros dos depósitos populares a um máximo de 3%. Isto significa o estímulo a uma corrida aos pequenos bancos, cuja vantagem estava precisamente nos serviços mais baratos que lhes permitiam pagar juros mais altos aos seus depositantes. Atrás da «moralização» está a política de estrangulamento dos pequenos bancos nacionais e sua absorção pelas grandes organizações bancárias ligadas aos americanos.

Ao mesmo tempo, é aumentada a taxa de desconto. Ce modo que os financiamentos dos bancos à indústria terão que ser forçosamente feitos a juros muito mais altos do que os permitidos em lei. Que significa isso na prática?

Significa que os pequenos e médios industriais brasileiros, a indústria nacional ter dinheiro cada vez mais caro, terá dificuldades cada vez maiores para obter o financiamen-

Mataripe, a primeira refinaria nacional de petróleo já está trabalhando em função da Standard Oil

Kemper manipula os cordões do "gabinete maravilhoso"



BRAZILIAN EDITION
McGraw-Hill American Letter
 IN EXCLUSIVE ANALYSIS AND PRACTICAL POLICY SUGGESTIONS IN BRAZIL VIA AIR MAIL
 PROGRAM FILE INTERNATIONAL CORPORATION • 230 WEST 43RD STREET • NEW YORK 36, NEW YORK, U.S.A.
 Dear Sir: Vol. 7, No. 18 September 4, 1954
U.S. BUSINESSMEN HAVE GREAT CONFIDENCE IN BRAZILIAN ECONOMY: American exporters and importers — shocked by the recent tariff of events in Rio de Janeiro — still regard Brazil as one of their best markets. They do not intend to cancel shipments covered by import license or change credit terms. An AMERICAN LETTER survey of top bankers and Government officials here shows that all respect Brazil's future economic commitments. The \$1 billion private investment in Brazil by U.S. will not be affected. Most banks anticipate a greater flow of capital to Brazil once cruzeiro is stabilized. Several foreign Petroleum eventually will be altered to admit foreign interests. Brazil's new President is popular in U.S. and friendly to Washington. Finance Minister Guadin, Brazil's former representative to International Bank and Monetary Fund, leans toward realistic value for the cruzeiro. State Department here foresees no change in U.S. — Brazilian trade relations.
 But the White House looks for further shifting of policies in Brazilian economy. Many exports, including those on imports, will be relaxed. Moreover, now that the new exchange plan for coffee has had time to operate, there is a definite feeling it will be temporary. Modification of the entire exchange system, as well as discontinuing of the 8% cent minimum coffee price, are recommended by financial experts as the best course to help Brazil's sagging dollar receipts. Meanwhile, there is a gradual decline in coffee and cocoa prices.

to de suas iniciativas. Ao mesmo tempo as filiais dos trustes americanos, as empresas ligadas aos ianques e seus testas-de-ferro gozarão da vantagem de crédito fácil e barato através dos bancos americanos com filiais no Brasil, como o City Bank e outros.

Nessas condições a indústria nacional poderá cada vez menos competir com os americanos em nossa própria terra. A burguesia nacional está com a corda no pescoço. As instâncias de 105 e 106 estão de acórdão com os ordens americanos de estrangulamento da indústria nacional. Guadin apenas repetiu a voz do dono lanque ao afirmar que, em São Paulo, há indústria demais. As nossas fábricas só têm direito de funcionar com consentimento americano. Esta é a política do governo Café.

A CONFERÊNCIA ECONÔMICA INTERAMERICANA

Estas medidas são apenas os primeiros passos. Elas preparam o terreno para a mais servil aplicação das imposições que os norte-americanos trazem para a próxima Conferência Econômica Interamericana.

Os porta-vozes de Wall Street já deixam perceber a intenção lanque de «arranjar América Latina». Perdem terreno na Europa e na Ásia e pretendem manter os seus lucros máximos à custa de uma exploração mais intensa desta parte do mundo. A isso chamam de «organização» E o governo Café é o instrumento de que necessitam os imperialistas lanques para esse fim.

A «carta semanal» da McGraw-Hill, organização de espionagem do conhecimento Mister Abbink, saudou entusiasmadamente o governo Café e seu «gabinete maravilhoso». Anunciou um maior afluxo dos capitais americanos de rapina ao Brasil, afirmou que a Petrobrás terá os estatutos reformados ao gosto dos americanos, de modo a «permitir a participação estrangeira», isto é, dos trustes americanos. O novo presidente do Brasil, disse Abbink, é popular nos Estados Unidos e amistoso com Washington. Abbink sabia o que dizia. O golpe foi dado para que subisse um governo disposto a cumprir as «recomendações» da célebre Missão Abbink

UNIÃO PATRIÓTICA CONTRA O DOMÍNIO IANQUE

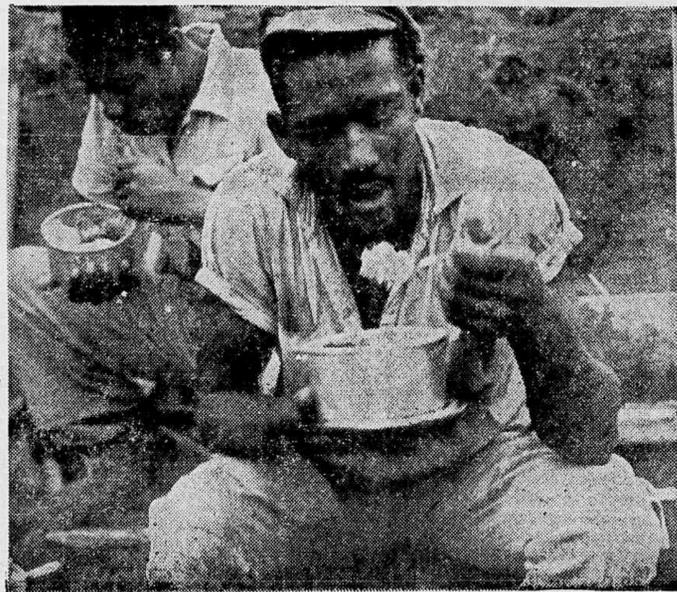
As perseguições e violências contra os sindicatos operários, a carestia da vida como política oficial do governo, o mais descarado entreguismo, o estrangulamento da indústria nacional definem a situação e os objetivos do governo Café Filho. Essa política atinge direta e frontalmente a maioria esmagadora da nação. Os fatos confirmam a denúncia do manifesto do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil:

«O governo do sr. Café Filho e dos generais fascistas, governo de assassinos do povo e de lacaios dos Estados Unidos, tenta enganar o povo e encobrir sob formas constitucionais seus objetivos sinistros. Buscam os meios e a oportunidade para fazer uso das posições conquistadas para levar adiante seus planos tenebrosos contra a Pátria, contra o povo, contra o movimento operário e popu-

lar, contra as liberdades e a democracia. Em seu júbilo incoerente, a imprensa dos banqueiros norte-americanos já proclama que Café Filho irá mais além que Vargas na entrega das riquezas do país, na entrega do petróleo e das fontes de energia elétrica, nas concessões e favores ao capital norte-americano.»

Tais são os fatos. O governo é «maravilhoso» para os americanos. Na mesma medida é o algoz do povo brasileiro. Desde a classe operária até os homens da indústria nacional, toda a nação é vítima de uma política de traição. Diante do perigo concreto e imediato da colonização total da pátria, os brasileiros compreendem que é chegada a hora de se unirem cada vez mais para a luta contra o domínio ianque e seus vis lacaios que vendem por dólares as riquezas e o futuro da nação.

Este contraste ilustra a política de carestia e fome do governo udeno-americano. Nos Estados Unidos o café brasileiro cai diariamente de preço. A política cambial, confessou o nefasto Osvaldo Aranha, cujas «instruções» na Sunoc foram inteiramente mantidas pelo entreguista Guadin, visa a baixar o preço para os americanos, embora signifique aumento de preços no Brasil. Assim espoliado o Brasil, nosso povo é reduzido cada vez mais à miséria. Os americanos ostentam o fruto do saque. Tomam café mais barato, amontoam lucros fantásticos. Por isso, os trabalhadores brasileiros vivem subalimentados, comendo «gorroba» fria de marmitta, à beira da calçada. Mas Café Filho ainda acha pouco e seu governo apregoa que o povo come demais... Para que comamos menos e os americanos engordem mais é que foi dado o golpe.



Voz dos Leitores

DESDE 1949 A CIA. VALE DO RIO DOCE NÃO PAGA HORAS EXTRAS E AS FOLGAS

Greves Sobre Greves nas Usinas de Açúcar de Pernambuco

De nosso correspondente de Pernambuco recebemos reportagem sobre lutas de assalariados agrícolas das usinas de açúcar.

No dia 23 de agosto último, na Usina Sta. Teresinha, de propriedade do latifundiário Pessoa de Queiroz, 900 trabalhadores entraram em greve de protesto contra o ilegal desconto de um aumento no aluguel das casas em que residem. De manhã à tarde durou o movimento que terminou vitorioso quando os patrões anunciaram que não seria descontado o aumento. A greve teve também o caráter de um protesto contra o golpe militar americano que levou à morte o presidente Vargas. Numeroso destacamento procedente de Recife apareceu na usina tentando intimidar os trabalhadores, chegando a prender o trabalhador Levino Aquilino de Moura, homem residente ali há mais de 37 anos e que foi libertado graças aos protestos de seus companheiros.



Dias depois se realizava uma conferência de preparação da II Conferência Nacional de Trabalhadores Agrícolas realizada em São Paulo, tendo os trabalhadores dos canaviais e usinas a oportunidade para levantar suas reivindicações e fazer suas denúncias contra os seus opressores.

Há um ascenso nas lutas dos trabalhadores agrícolas que, adquirindo um mais elevado espírito de unidade, se apoiam na organização sindical. No dia 3 de setembro nos engenhos Limeira e Refresco, pertencentes à Usina Bomfim, no município de Escada, os cortadores de cana, num total de 90 paralisaram o trabalho em vista da recusa do administrador de aumentar de 12 para 20 cruzeiros o pagamento por cento de feixes de cana cortada. Em média um cortador de cana não corta mais que 200 a 250 feixes, o que pelo salário de 12 cruzeiros não lhes rendia mais que 24 cruzeiros por dia. Os trabalhadores queriam receber uma média de 40 cruzeiros por dia. O administrador apareceu depois com um contingente policial ameaçando espingardear os trabalhadores. Os trabalhadores, diante da tremenda pressão voltaram ao trabalho pois não tinham organização suficiente para enfrentar e vencer a luta. Mas 9 desses trabalhadores se recusaram a retomar o serviço, motivo pelo qual foram demitidos dos engenhos e ameaçados de expulsão. Entretanto esses trabalhadores exigem indenização pelas roças que cultivaram, na base de 500 cruzeiros por braça. Os patrões, entretanto, não querem pagar mais que 3.500 cruzeiros pelas 9 braças que cada um cultivou. Diante disso os assalariados se dirigiram ao Sindicato Rural de Escada que está tratando de defender a justa indenização devida pelos usineiros.

e Paraíso. A greve teve início pela manhã no Engenho Barra Douro, cujos trabalhadores saíram parando os outros engenhos. Rumaram depois os grevistas, todos juntos para a cidade. Os grevistas se entenderam com o Capitão do Campo de nome Artur que garantiu que a Usina pagaria 12 cruzeiros em lugar de 15 pelo corte da cana. Na Terça-feira, dia 28, voltaram ao trabalho. Nesse dia esse tal de Artur, acompanhado de capangas e soldados da polícia, apareceu no Engenho Barra Douro, praticando uma série de tropelias. Vários assalariados foram espancados tendo sido presos dois deles, João Vicente e Pedro, libertados em seguida graças aos protestos de seus companheiros. Depois que voltaram ao trabalho os grevistas souberam que o usineiro continuaria pagando 15 cruzeiros e não 18 cruzeiros, conforme ficara acertado no véspera. O fato provocou grande revolta entre os trabalhadores, mas a luta não está encerrada. Eles voltarão a novas lutas pela conquista de melhores condições de vida e de trabalho.

Escreve-nos um ferroviário da Cia. Vale do Rio Doce:

OS FERROVIÁRIOS e suas esposas estão lutando contra a carestia da vida e em defesa dos seus direitos. Pleiteiam os ferroviários a criação de um açougue na cooperativa e, nesse sentido, já foi enviado um abaixo-assinado com cerca de 250 assinaturas ao presidente do Sindicato, só de um dos núcleos da ferrovia que é Porto Velho. Tiveram papel destacado nesse movimento as mulheres dos ferroviários, que aderiram a ele com grande entusiasmo.

Para agravar ainda mais a situação dos trabalhadores a Cia. Vale do Rio Doce não quer pagar a elevação de salário correspondente ao novo salário-mínimo. Esta é uma companhia de exploradores sem escrúpulos. Tanto isto é verdade que as folgas remuneradas e os 20% de acréscimo pelas horas noturnas não são pagas desde 1949, apesar de ser um direito assegurado pela lei e que já foi objeto de uma sentença ganha pelos ferroviários na Junta de Conciliação e Julgamento de Vitória. A companhia teima em não cumprir com sua obrigação e, com isso, aumenta seus lucros à custa do roubo e da exploração. Os chefes ameaçam os trabalhadores de demissão se se recusarem a trabalhar horas extras. Mas não fica nisso a triste

situação dos ferroviários. A companhia impôs um regime de multas e, desta maneira, os chefes aumentam a opressão na ferrovia. Há multas até de 7 mil cruzeiros e suspensões de 15 e de 30 dias. Os chefes, a mando dos mandões da companhia que são agentes dos imperialistas norte-americanos, estão interessados em oprimir improdutivamente os ferroviários. Chegam até a dizer que não há lei que os obrigue a pagar o salário-família e a licença-prêmio.

O chefe da "Vale" compra luxuosos "cadilacs" e vive uma vida de rei, enquanto os ferroviários e suas famílias amargam na miséria, explorados pelos imperialistas norte-americanos e os amigos deles em nosso país.

A culpa principal por esta situação cabe ao governo do sr. Café Filho que executa em nosso país a política dos exploradores norte-americanos, e foi colocado no poder por um golpe que levou Getúlio Vargas ao suicídio. Café Filho que até dizia ser "do contra" está provando ser um demagogo e esfomeador do povo.

Os ferroviários da Companhia Vale do Rio Doce não estão nada satisfeitos com esta situação. Quanto mais a gente se unir dentro do sindicato, lutando como irmãos, mais depressa chegará o dia da vitória de nossas reivindicações.

Em Palmares

Exigindo o pagamento do corte de cana a 20 cruzeiros a cento a fim de ganharem o salário-mínimo entraram em greve em fins de setembro último, os cortadores de cana de 5 engenhos da Usina 13 de Maio, do dr. Leopoldo, no município de Palmares. O número de grevistas, entre homens e mulheres, elevou-se a 120. Os engenhos atingidos pela greve foram o Trombeta, Barra Douro, Cachocira, Dantas, Açude

consultas e destrata todos os que não o pagam.

O povo se queixa com razão do favoritismo do prefeito local que, infringindo as posturas municipais, permite a livre circulação pelas ruas e quintais alheios de cavalos, porcos e outros animais. A vida das crianças está em perigo. A situação chegou a tal ponto que um dos moradores denunciou esses fatos a um deputado. Depois disso o prefeito tomou algumas medidas mas, ao mesmo tempo, passou a perseguir o denunciante ameaçando-o de prisão.

DEZENOVE PATRIOTAS CONDENADOS POR PROTESTAR CONTRA A CARESTIA

Escreve nosso correspondente de Ribeirão Preto:

No dia 3 de março do corrente ano foram condenados 19 patriotas a penas que variam de 8 meses a um ano de prisão. São vítimas dessa arbitrariedade condenação os seguintes cidadãos: José Marietto, Angelo Castelo, Nadir de Almeida Barreto, Zito Alves, Marcelino Rodrigues de Souza, Euclides Velloso, Clemente Fernandes de Souza, José Ramos, Francisco Pedro, Cândido de Oliveira, José Alves, Liberato da Silva, José Pereira Marques Filho, José N. Coutinho, Augustinho Euzébio, João Batista Pereira e Benedito Aveiro. Todos são operários e a maioria deles são casados. Cerca de 60 crianças, filhos desses patriotas estão passando privações e vivendo graças à solidariedade popular, pois seus pais se encontram foragidos. Desde 1953 estes patriotas estão sendo perseguidos pela polícia só porque no dia 4 de março daquele ano participaram de uma passeata de protesto contra a alta da vida. Sete dos condenados foram presos no momento e espancados até desmaiar pelo delegado Bolívar Barbante e seus capangas e tiras da Guarda Civil, permanecendo 4 meses incommunicáveis, sem sol, numa cela imunda recebendo péssima alimentação. Depois foram libertados por habeas-corpus ficando sujeitos ao processo. A justiça dos opressores, ao julgar o caso em abril deste ano, condenou a todos. José Marietto, um dos patriotas que já estava processado juntamente com sua companheira porque distribuía boletins contra o envio de tropas para a Coreia, já teve sua casa invadida 3 vezes pelos bandidos policiais. O processo ficou engavetado até agosto último. José Marietto foi condenado a mais um ano de prisão tendo uma pena a cumprir. Sua companheira Mar-

ta, foi condenada a mais um ano de prisão porque protestou contra a violação de seu lar, tendo sido ainda envolvida em outro processo-farsa porque denunciou ao povo pelos jornais locais e o rádio as violências que ela e seu marido sofreram.

Em junho deste ano foi preso o camponês João Nepomuceno quando distribuía volantes concitando os camponeses a se organizarem em sindicatos para defender os seus direitos. João esteve preso durante 4 meses e foi julgado e condenado a mais um ano de prisão. O estado de saúde de João é desesperador pois se trata de um homem de 70 anos. O juiz que condenou os primeiros 17 foi um tal Barros, de 2.ª Vara de Ribeirão Preto e o que condenou os três últimos foi o juiz policial José Eduardo Coelho de Paula, da 2.ª Vara. São dois juizes que estão a serviço dos latifundiários e grandes capitalistas, que seguem servilmente as ordens da Associação Rural onde os americanos impõem sua política e dos grandes comerciantes; entre eles incluem-se os proprietários da Casa Beira-Mar, antiga casa Rubim, que o povo invadiu em 1945 porque sonhejava açúcar e sal. São os exploradores que governam a cidade e dão ordens a delegados, juizes, prefeitos e certos vereadores. Assim é o governo de Café Filho, boneco do Brigadeiro da U. D. N. e do imperialismo americano. Os patriotas condenados pedem ao povo que proteste junto ao Supremo Tribunal contra essa injustiça que se abate contra 19 pais de família. Dentre as 60 crianças filhos dos condenados, 40 são menores de 14 anos e estão passando terríveis privações. José Marietto e Marta Marietto que estão foragidos têm dois filhos menores que estão privados de frequentar a escola. Os patriotas voltam sua justa revolta contra essas violências e também não es-

quecem o nome de duas testemunhas de defesa de José e Marta, conhecidas por Venina Torres Lopes e sua filha Tereza que, ao prestarem depoimento, tomaram posição ao lado da polícia, traindo miseravelmente o casal de patriotas.

POSTOS EM FUGA OS DEMAGOGOS DE JÂNIO

UM LEITOR de Ribeirão Preto nos escreve a propósito da campanha eleitoral naquela região do Estado de São Paulo. Foi realizado um comício por um grupo de indivíduos favoráveis a Jânio Quadros na ocaldade de Dumont, distante 20 quilômetros de Ribeirão Preto. Os oradores não se referiam aos problemas do povo. Em vez de denunciar o governo que causa a carestia, que não garante os preços para os produtores, que afunda na miséria os homens da roça, um tal dr. Otaiades se pôs a caluniar os comunistas e os candidatos populares. A certa altura o povo pediu que falasse um camponês bastante conhecido na região, Nazareno Clavata. Tomando a palavra o camponês contestou as palavras do dr. Otaiades que, sentindo-se desmascarado ordenou a seus capangas que investissem contra o orador. Mas o povo conseguiu tomar as garruchas, facas e cassetetes dos bandoleiros e os pôs em fuga, sem maiores complicações, a não ser ferimentos leves recebidos pelo camponês Clavata. O fato teve grande repercussão na cidade e o povo pôde ter uma amostra do que são os homens de Jânio Quadros.

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável
Aydano do Couto Ferraz
MATRIZ
 Av. Rio Branco, 257, 17.º andar., sala 1712
 TEL.: 42-7344

SUCURSAIS

São Paulo — Rua dos Estudantes, 84, s/ 29 — 2.º andar.
 P. Alegre — Rua Voluntários da Pátria, 66 — sala 51.
 Recife — Rua Floriano Peixoto, 155 — Sala 23 — 4.º andar.
 Fortaleza — Rua B. do Rio Branco, 1248, s/ 22.

Endereço telegráfico da Matriz e das Sucursais:

VOZPÉRIA

ASSINATURAS

Anual	Cr\$ 60,00
Semestral	30,00
Trimestral	15,00
N. avulso	1,00
N. atrasado	1,50

Este semanário é reimpresso em SÃO PAULO, PORTO ALEGRE, SALVADOR, RECIFE, FORTALEZA e BELÉM.

Morreram as Crianças Por Culpa do Médico

DUAS crianças morreram em consequência da falta de cuidados médicos em Registro, segundo nos informa um leitor daquela cidade.

No dia 7 de setembro último o trabalhador Hermógenes dos Santos, estando com dois filhinhos acometidos de mal ignorado, procurou o dr. Júlio Shwink, diretor do Posto de Saúde local. Prontificou-se a pagar o transporte do médico e os serviços que prestasse, mas o médico, alegando estar em férias, não se dispôs a cuidar do caso. Só atenderia depois do dia 20... A tarde uma das crianças morreu e, desesperado, o trabalhador voltou ao médico. Este, entretanto, o recebeu grosseiramente chegando a empregar termos de baixo calão, recusando-se terminantemente a atender ao pedido de socorro do pobre homem. O resultado é que no dia seguinte a outra criança morreu também, sem o mínimo cuidado médico.

Tudo isso poderia parecer um caso isolado se não fosse outra a dura realidade do nosso país, onde o povo é oprimido por um pequeno grupo de latifundiários e grandes capitalistas servilistas do imperialismo norte-americano. Segundo várias denúncias, o médico do Posto chega ao cúmulo de cobrar

LÍDER CAMPONÊS E CHOFER PRESOS ARBITRARIAMENTE EM CANÓPOLIS

ESCREVE o correspondente de Uberlândia:

Voltamos a denunciar arbitrariedades que a polícia de Café Filho e de Juscelino vem praticando em Uberlândia e em todo o Triângulo Mineiro. Quando da realização da II Conferência dos Trabalhadores Agrícolas desta região, a polícia de Uberlândia invadiu o recinto onde se realizava o conclave espancando populares e delegados, quebrando móveis e acabando por apreender o material da secretaria e os alto-falantes. Nenhum desses objetos foi devolvido.

Posteriormente novo atentado contra a Constituição foi cometido com a prisão em Canópolis do líder camponês Valdemiro de Moura, candidato a deputado, em companhia do chofer Sebastião Gonçalves. Baseando-se no fato de que a candidatura de Valdemiro foi impugnada, a polícia pretende justificar a violência e se recusa a libertar o líder camponês e o chofer. Os democratas de Uberlândia já constituíram comissão de solidariedade para exigir a libertação dos presos e responsabiliza o governo de Café Filho e Juscelino por tudo o que acontece e venha a acontecer a eles.

GRODITZ FORJA PARA A PAZ

Um relato da nova vida dos trabalhadores na República Democrática Alemã

QUANDO se faz a substituição do turno na grande usina de laminação e fundição de aço de Groditz, na República Democrática Alemã, abre-se também o amplo e arejado restaurante. Os trabalhadores ocupam as mesas, palestrando e rindo. A vida desses metalúrgicos retrata as profundas modificações que se operam na Alemanha Democrática. Esta reportagem colhe em flagrante o que é o trabalho pacífico dos construtores da República Democrática Alemã e conta uma história fascinante revelada por um operário-moço.

Bem vestido, mãos cuidadas, não é possível saber à primeira vista se Gerhard Berger é um técnico, um engenheiro, um simples trabalhador. Depois do primeiro gole de cerveja sorvido com satisfação, Berger comenta:

— Trabalhar o dia inteiro junto ao forno Siemens Martins é coisa que dá sede.

Está identificado o homem. É um fundidor de aço. E mestre há pouco tempo. O velho sonho se realizou, conta Berger, porque o Partido achou que com seus 18 anos de prática no trabalho do aço poderia proporcionar uma experiência de grande valor aos jovens colegas. Este operário é mestre no sentido amplo da palavra, forma os novos homens, a fábrica é uma grande escola. Mas nem sempre foi assim. Berger compara duas épocas.

O talento dos trabalhadores a serviço do povo

O atual mestre fundidor pretendia, antes, ser padeiro. Era, pois, homem de modestas aspirações. Seu destino era ser operário. E tinha escolhido essa profissão como os filhos dos ricos escolhiam esta ou aquela carreira. Mas seu pai era fundidor e a própria vida o obrigou a seguir a profissão paterna.

Nenhuma pessoa me ajudou quando me tornei aprendiz. A gente precisava ter os olhos bem abertos, pois do contrário nada se

aprendia. Naquela época cada um era levado a se preocupar somente com seu proveito pessoal. Os jovens companheiros nem podem imaginar como isso era. Hoje, nós trabalhamos em conjunto e não é só isso — os engenheiros também trabalham conosco, os engenheiros nos pertencem, são dos nossos.

E Berger continua explicando as transformações na vida diária, na fábrica. É uma situação antes desconhecida na Alemanha essa em que os trabalhadores tratam com os mais considerados e eruditos técnicos do país. Isso

se tornou possível porque, na República Democrática Alemã, a inteligência, o talento e os conhecimentos da classe operária não são mais sufocados pelos capitalistas. Os dons da classe operária estão a serviço do povo, do seu povo.

Assim se transforma a vida cotidiana

Gerhard Berger descobriu a importância de tudo isto nas profundas modificações verificadas em sua vida nos últimos anos. Isto começou quando, após o ano de 1945, pela primeira vez em sua vida conheceu a semana de 48 horas e em cada semana o seu dia de folga. Ele verificou que novos tempos surgiram, num pequeno detalhe — foi quando o Sindicato começou a lhe fornecer diariamente uma garrafa de leite para manter sua saúde em forma. Mas a coisa não ficou nisso: no intervalo do serviço passou a ser servida uma saborosa e nutritiva refeição por atenciosas moças, num restaurante limpo e confortável, com mesa coberta e tudo por alguns centavos.

E as férias de um trabalhador na República Democrática Alemã? Gerhard Berger pode com um máximo de DM (deutsche marke, Cr\$ 240,00 ao câmbio oficial) passar duas semanas com sua esposa numa casa de repouso junto ao mar ou nas montanhas, conforme sua escolha. Não teme a doença porque sabe que a assistência médica do Sindicato o amparará em tudo.

Além do mais o seu sala-

rio é hoje bem maior do que antigamente. Há dez anos um aparelho de rádio era um sonho irrealizável para um trabalhador alemão. Mas Berger já comprou o seu, sem sacrifício. Hoje, depois do trabalho, ele pode envergar seu terno impecável e levar a família a um espetáculo teatral ou a um concerto na Casa de Cultura da usina.

Forjando para a paz

Mas há um outro motivo de alegria e orgulho no trabalho. Gerhard Berger revela a maior de todas as transformações.

— Eu já trabalho aqui há mais de 18 anos e sempre produzia para a guerra. Até 1945 a nossa fábrica produzia granadas. Eu sei por intermédio de colegas da Alemanha Ocidental, que nos visitam, que lá no Estado de Adenauer novamente as fábricas são militarizadas. Quanto a nós posso afirmar: após 1945, quando se iniciou a produção novamente, não saiu de nossa fábrica um só quilo de material de guerra. Nós trabalhamos para a paz, porque nós trabalhamos para nós mesmos.

Heinz Knachmus responde ao desafio americano

Os trabalhadores da usina orgulham-se da prensa de forjar de 6.000 toneladas, a maior de toda a Alemanha. Ela está em Groditz e foi construída por um jovem



O jovem operário-moço Heinz Knachmus trabalha na seção de desenhos e projetos da grande empresa siderúrgica de Groditz, na República Democrática Alemã

operário de 35 anos. Essa prensa tem sua história reveladora das novas condições de vida dos trabalhadores na República Democrática Alemã.

Tudo deveria ser construído na Alemanha Ocidental. Os trabalhos já estavam adiantados quando o governo Adenauer, cumprindo ordens dos americanos, proibiu o fornecimento. Assim os imperialistas lan- çaram impedem o intercâmbio, o trabalho em comum e o entendimento de alemães com alemães.

Isto foi em 1951. O jovem operário-moço Heinz Knachmus aceitou o desafio americano. Jurou construir prensas de 6 mil e duas mil toneladas. Por um ano ele abandonou Groditz. Trabalhava na Construtora do Povo de Máquinas. Pesadas «Hein-

rich Rau», em Wildau, perto de Berlim. Ali, ele viu que pesado encargo tinha assumido, pois não havia moldes para a construção de grandes prensas. Apoiado pelos técnicos da «Heinrich Rau» em meses de intenso trabalho, criou os moldes. E as prensas que produziu já estavam em atividade em Groditz, em 1953. Este êxito convenceu-o da possibilidade de construir a prensa de 6.000 toneladas. Mas havia uma dificuldade. As máquinas existentes não tinham capacidade para produzir as colunas de 42 toneladas cada uma e os gigantes cilindros. Com a ajuda da vizinha e amiga democracia popular da Tchecoslováquia se resolveu o problema. As restantes peças, num total de 3.700 saíram todas da «Heinrich Rau».

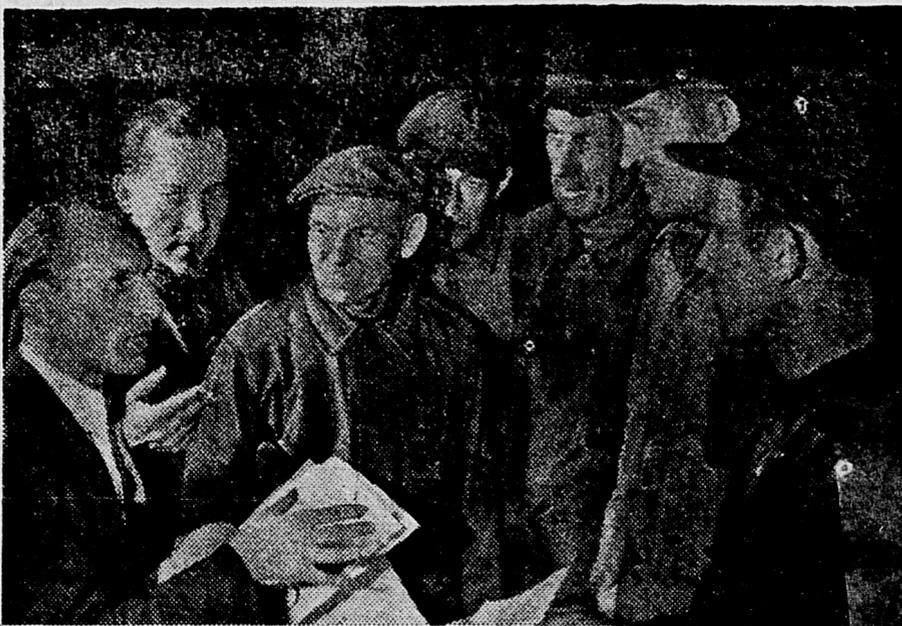
“Agora quero entrar para o Partido”

A montagem da prensa iniciou-se em janeiro de 1954. Em março, os trabalhadores fizeram da montagem uma questão de honra — era uma homenagem ao IV Congresso do Partido Socialista Unificado da Alemanha. Quando o primeiro bloco fundido de aço foi prensado pela nova máquina, Heinz Knachmus disse, umas poucas palavras com inconfundível emoção:

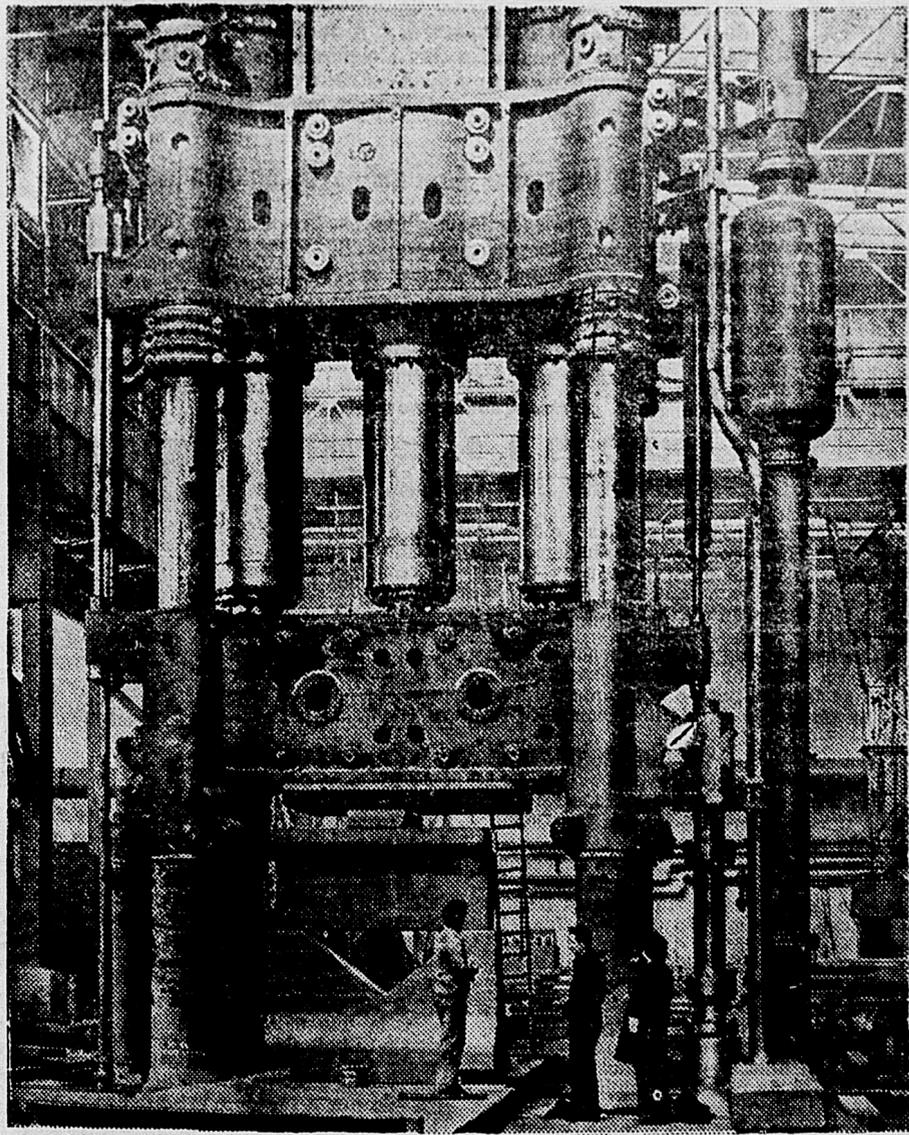
— No trabalho da construção destas três máquinas compreendi o que significa para nós, técnicos, a classe operária. Nunca vi, antes, trabalho tão limpo. Jamais esquecerei com que satisfação atacavam a tarefa os operários da usina, da fábrica de máquinas e das turmas de montagem. Velando por tudo estava sempre o Partido, que nos congregava e impulsionava para a luta e a vitória sobre todas as dificuldades que surgiam. Por isso, acabo de ingressar no Partido. Esperei até o término da construção da prensa porque não desejava entrar no Partido com as mãos vazias.

* * *

Estas são as histórias que contam sobre sua nova vida os trabalhadores da República Democrática Alemã. São novos homens que constroem uma pátria livre. Com toda a Alemanha Democrática, Groditz forja para a paz.



Um grupo de operários de choque da construção da prensa debate os problemas ligados à execução de sua tarefa com o secretário da organização do Partido e o operário Heinz Knachmus, autor do projeto



Aspecto da prensa de 6.000 toneladas, a maior da Alemanha, instalada na grande usina de laminação e fundição de aço de Groditz

Há 9 anos eram assaltadas as oficinas da «Tribuna Popular»

Preservar a Todo Custo A Liberdade de Imprensa

A ação comum de todos os democratas destroçará a nova ameaça aos jornais de oposição — Um mês da imprensa do povo, em janeiro

HA SETE ANOS, a polícia do governo do general Dutra invadia e depredava as oficinas da «Tribuna Popular», o bravo matutino carioca criado por iniciativa de Luiz Car- Prestes. Foi este um dos muitos atentados à liberdade de imprensa que se cometeram em nosso país, desde que, por ordem dos imperialistas norte-americanos, os governantes reacionários do Brasil desencadearam uma onda de repressão e terror para anular as conquistas democráticas obtidas com a vitória sobre o nazi-fascismo.

Os agentes dos trustes lanques, entretanto, não lograram atingir seus objetivos. Nosso povo, com o Partido Comunista à frente, travou uma árdua e tenaz batalha em defesa da liberdade de imprensa e dos direitos democráticos. Enfrentando e vencendo todos os obstáculos, os jornais populares mantiveram-se firmes, consolidando-se e ampliando constantemente o grande número de seus leitores. Graças ao apoio do povo, os órgãos da imprensa popular resistiram a todos os ataques da reação fascista, desde a pressão econômica até os assaltos armados.

Nova e perigosa ameaça

Nos dias de hoje, o go- verno instituído pelo golpe americano de 24 de agosto desencadeia o ataque às liberdades democráticas e ad- ta medidas de repressão vi- sando a calar os órgãos de oposição. Através do Banco do Brasil e por outros meios procura atingir a economia de jornais como «Última Hora», «O Radical», «O P- ular» e a «Rádio Continen- tal», já tendo mesmo con- seguido reduzir «O Popular» ao silêncio.

Em seu empenho de anu- lar por todos os meios qual- quer resistências aos planos governamentais de entrega do país aos trustes norte- americanos, volta-se, assim, o sr. Café Filho até mesmo contra os jornais que apoia- ram ativamente sua candi- datura à vice-presidência da República.

Criou-se no país uma sé- ria ameaça aos direitos do cidadão e, em particular, à liberdade de opinião. Contra semelhante ameaça já se le- vantam as vozes da grande massa de profissionais de

imprensa de todas as ten- dências, apoiados por toda a opinião pública. Sindicatos de jornalistas e associa- ções de imprensa, jun- tamente com grêmios gráficos, ra- dialistas e publicitários vêm protestando, energeticamente, contra qualquer atentado à liberdade de imprensa. Na recente II Conferência Na- cional de Jornalistas, realiza- da em São Paulo, os delega- dos foram unânimes em co- locar acima de toda espécie de divergências a neces- sidade de se unirem, todos para preservar a imprensa e o rádio de todo e qual- quer ataque visando a amor- daçãos. E agora se inicia um amplo movimento de so- liciedade aos jornais atin- gidos pelas medidas econô- micas claramente discrimi- natórias adotadas pelo go- verno, movimento que, cer- tamente, há de pulverizar os anseios pro-fascistas dos governantes em relação à imprensa.

Mês da imprensa do povo

Quanto aos jornais que se apoiam exclusivamente no povo, crescem dia a dia a autoridade e o prestígio que desfrutam junto às massas populares, graças a sua posição inflexível de combate aos imperialistas norte-ame- ricanos e seus lacaios na- cionais e de apoio a todas as reivindicações dos traba- lhadores, dos camponeses e outros setores da população brasileira. Neste aniversário do ataque à gloriosa «Tri- buna Popular», os jornais do povo empenham-se num novo esforço para melhorar ainda mais sua qualidad- tanto em relação a maté- rias como à apresentação, e em ampliar o seu público de dezenas e dezenas de novos leitores. Neste sentido, tan- to nos jornais populares como entre o amplo circ- de seus amigos e leitores cogita-se de envidar esfor-

Ao lado, a redação do «Jornal do Povo», de Belo Horizonte, após o assalto ordenado pelos golpistas de 24 de agosto. Em baixo, a prisão arbitrária dos redatores de «Notícias de Hoje», de São Paulo

ços, traçar planos, estudar novas medidas, enfim, para preparar, neste fim de ano, a de realização de um mês dedicado à imprensa do povo, em janeiro próximo, o mês do aniversário de Prestes, o grande animador e amigo da imprensa realmente democrática em nosso país.

Para o completo sucesso desse mês e a conquista de seu objetivo — a melhoria e o aumento da difusão dos jornais — é imprescindível, desde já, a ativa colaboração do público. Somente com o apoio dos leitores, de suas críticas e sugestões, de suas iniciativas e planos visando a dar milhares de novos leitores aos seus jornais, será possível fazer dos órgãos da imprensa popular poderosas armas na luta de nosso povo por seus direitos e reivindicações, em defesa da causa da paz e da emancipação nacional.

Tribuna POPULAR

UNIDADE DEMOCRACIA PROGRESSO

Responsavel o Governo Pela Destruição Das Oficinas e Da Redação Da «Tribuna Popular»

Grupos de diretores dirigidos por policiais e militares integristas do S.A.B. assaltaram no torde de ontem as dependências do jornal do povo, apilando com a Alemanha hitlerista. Eis os primeiros frutos do cumprimento com a URSS — O grupo faz cida que liquidar por completo a «Tribuna» em novo Patria

Um grupo de diretores dirigidos por policiais e militares integristas do S.A.B. assaltaram no torde de ontem as dependências do jornal do povo, apilando com a Alemanha hitlerista. Eis os primeiros frutos do cumprimento com a URSS — O grupo faz cida que liquidar por completo a «Tribuna» em novo Patria

A SÉRIE DA POLÍCIA
Grande número de policiais, em 15 de agosto, para destruição de oficinas de impressão e redação do jornal do povo. Invasão de casas e depósitos. A polícia chegou ao número de 100, por meio de grandes grupos de veículos e fuzis de que o assunto não foi tratado o mesmo.

INCENDIO NAS OFICINAS
Devido ao fogo que se iniciou na parte destruída do edifício de armazenamento de papel, as máquinas foram destruídas e o conteúdo das mesmas foi perdido.

ARRIBA AOS PORTAS
Em vista da situação as portas de todas as oficinas foram cerradas e não se permitiu a saída de ninguém, pelo telefone o fôto foi comunicado a polícia e a polícia foi enviada para a prisão dos redatores de «Notícias de Hoje», de São Paulo.

REPARAÇÃO A OFICINA
Devido a grande quantidade de papel, começou a ser a desmontagem e o transporte para a fábrica de papel da URSS, em vista da situação de repressão. (Conclui na pág. 2)

«Fac-símile» do número da «Tribuna Popular» publicado logo após o assalto armado às oficinas onde era impresso o grande matutino carioca. Alardeando posições democráticas, o deputado Café Filho protestou, naquela ocasião, contra o atentado. Hoje se encontra à frente de um governo que investe contra os direitos constitucionais e quer reduzir ao silêncio os jornais da oposição.

Vida Dos Partidos Comunistas

Pleno do C. C. do Partido Comunista da Tchecoslováquia



Reuniu-se, em Praga, nos dias 6 e 7 do corrente, o Pleno do C. C. do Partido Comunista da Tchecoslováquia. O Pleno discutiu o Informe «Sobre o cumprimento da resolução do X Congresso do P. C. T. no domínio da economia», apresentado pelo camarada J. Dolanski, e a questão relativa às tarefas do Partido na preparação das eleições à Assembléia Nacional, cujo informante foi o camarada A. Novotny. O Pleno aprovou os Informes como diretivas para a atividade do Partido.

Campanha em Favor da Imprensa do Partido Comunista da Bélgica

O último Pleno do C.C. do Partido Comunista da Bélgica, dedicou grande atenção à situação da imprensa do Partido. Depois de discutir o Informe do camarada Jean Terfve sobre o assunto, o Pleno decidiu mobilizar todo o Partido para superar a difícil situação em que se encontra sua imprensa. Diversas medidas práticas foram resolvidas, entre as quais aumentar a venda de jornais e revistas de, no mínimo 10%, até o próximo Congresso (em dezembro). A resolução aprovada acentua que não se pode se- parar a questão da imprensa das demais questões da vida do Partido, de sua justa linha política. Os esforços feitos para difundir a imprensa contribuirão, assim, em grande medida para a preparação eficaz do próximo Congresso.

PLENO DO C. C. DO PARTIDO HÚNGARO DOS TRABALHADORES

Estêve reunido, entre os dias 1 e 3 do corrente, o Pleno do C. C. do Partido Húngaro dos Trabalhadores, que discutiu o Informe do Bírô Político sobre a situação e as tarefas da economia nacional, apresentada pelo camarada Bela Szalai. No segundo ponto da ordem- do-dia foi discutida a qua Bela Szalai. No segundo ponto da ordem- do Partido. O Pleno adotou unânimemente o Informe e as correspondentes resoluções sobre as questões examinadas. No Informe foram traçadas as tarefas para o constante reforçamento da unidade do Partido na realização da política econômica da nova etapa.



Conferência do P. C. da Dinamarca

Do dia 8 ao dia 10 do corrente foi realizada uma Conferência do Partido Comunista da Dinamarca. No início dos trabalhos, os delegados prestaram homenagem à memória de J. Stálin e do famoso escritor Martin Anderson Nexø, membro do Partido, falecido este ano. A Conferência discutiu o Informe apresentado pelo camarada Axel Larsen, Presidente do Partido Comunista da Dinamarca. Larsen salientou que a crise de divisas e a crise de governo que se lhe seguiu não são devidas unicamente a causas econômicas. Trata-se de uma crise política em que ingressou a Dinamarca desde sua adesão ao Plano Marshall e ao Pacto do Atlântico. O Informe dedicou grande atenção ao problema da remilitarização da Alemanha Oc- dental, mostrando que o plano de rearmamento aprovado pela Conferência de Londres é mortalmente perigoso para os vizinhos da Alemanha. O camarada A. Larsen explicou em detalhe a proposta soviética de um sistema de segurança coletiva e declarou que o P. C. da Dinamarca, tal como no período da ocupação nazista, deve colocar-se à frente do povo. A Conferência aprovou uma resolução exigindo que seja colocada nas mãos do povo a atitude do país em face do rearmamento da Alemanha. Aprovou igualmente uma declaração política em que se assinala que a presente crise pode ser vencida com a redução dos gastos militares, a diminuição do tempo de serviço militar e a ampliação do comércio exterior.



O XXX ANIVERSÁRIO DA COLUNA PRESTES

(Esquema da palestra sobre a data histórica de 29 de outubro de 1924)

— I —

O maior feito militar de nossa História

Nosso povo comemora com júbilo e orgulho patriótico o 30º aniversário da Coluna Prestes. A 29 de outubro de 1924, iniciou-se a grande marcha com o levante do Batalhão Ferroviário de Santo Angelo, no Rio Grande do Sul, sob o comando do então capitão Luiz Carlos Prestes. Desde essa data até fevereiro de 1927, a Coluna percorreu quase ... 30.000 quilômetros, cortando o território brasileiro em todas as direções, atravessando campos, florestas, pantanais e rios caudalosos.

Seus feitos reduziram a pó os planos de mais de uma dezena de generais. Desde os seus primeiros movimentos, a Coluna teve que enfrentar forças numericamente superiores, bem armadas e equipadas, contando com todos os recursos bélicos. Magistrais e audaciosos planos militares foram cumpridos pela Coluna. Os combates como o da Ramada, as operações como a ruptura do cerco na foz do Iguaçu e o famoso «saço hunga» no Brasil Central despertaram admiração e entusiasmo em todo o país. Em três anos de marchas e combates, a Coluna Prestes nunca foi batida, atingindo sempre os objetivos traçados pelo seu jovem comandante. O povo chamou-a a Coluna Invicta.

A Coluna levou o facho da luta pela liberdade ao mais profundo interior do Brasil, do Rio Grande do Sul ao Maranhão e ao Piauí, da Bahia a Mato Grosso, a Minas e a Goiás.

Prestes tinha 26 anos quando iniciou a grande marcha em que revelou seu gênio militar, sua fibra e sabedoria de comandante invencível.

— II —

Marco glorioso nas lutas populares

Ao partir de Santo Angelo, Prestes já tinha em mente a realização da grande marcha. O objetivo que se traçava era o de despertar e mobilizar para a luta pela liberdade as populações do interior, visava a organizar um grande exército em plena marcha e no fogo dos combates para, em seguida, marchar sobre o Rio de Janeiro e derrubar o governo.

Varrer os governantes responsáveis pelas negociações, corrupção e violências era o objetivo dos levantes que se verificaram em 1922 e 1924. Aqueles jovens que se levantavam de armas na mão não tinham ainda um programa de transformações, não viam ainda as causas profundas da situação que o Brasil atravessava. Empunhavam as armas contra a camarilha no poder, contra os crimes monstruosos, as violações das liberdades democráticas, a censura à imprensa no afã de substituí-la por um governo que respeitasse os direitos do povo e dos cidadãos.

Mas foi no curso da grande marcha que a realidade da miséria, do atraso e dos sofrimentos de milhões de brasileiros que gemem sob a escravidão do latifúndio se revelou em toda a sua crueldade a Prestes e seus comandados. Os homens da Coluna constatarem os crimes selvagens dos senhores feudais da terra e as brutais formas de exploração a



que são submetidos milhões de camponeses.

Com a Coluna a revolução brasileira colheu uma preciosa e impressionante lição. Prestes soube tirar todas as conclusões dos ensinamentos da Coluna, marco grandioso nas lutas populares de nossa pátria. A Coluna não foi apenas um gigantesco feito militar e a revelação dum grande chefe militar, audaz e invencível. Ela trouxe uma contribuição para o aprofundamento das lutas populares e para a formação do maior e mais capaz líder popular de nossa terra.

— III —

Prestes, o Cavaleiro da Esperança

Na sua vitoriosa trajetória, a Coluna chocava-se freqüentemente com os latifundiários que organizavam bandos armados para combatê-la. A História registra inúmeros casos de inocentes libertados dos cárceres e dos troncos de escravos em que eram supliciados. Em muitos lugares os títulos ilegais de propriedade da terra roubada aos camponeses pelos latifundiários eram rasgados e queimados. Nas cidades e vilas tomadas pela Coluna os lançamentos e listas de impostos escorchantes contra o povo eram sempre destruídos.

Prestes jamais permitiu a pilhagem, o saque, o desrespeito às populações e seus lares. As infrações às suas rigorosas determinações foram sempre exemplarmente punidas. Prestes educava um novo tipo de soldado, o soldado da libertação. Educava o povo, mostrando-lhe o caminho da luta.

A aproximação da Coluna era motivo de pânico para os tiranetes locais e causa de alegria para o povo oprimido que aclamou em Prestes o «Cavaleiro da Esperança».

— IV —

O chefe incorruptível, o maior e mais puro dos patriotas

Os feitos heroicos da Coluna tornaram-se lendários. A

tiranía jamais conseguiu, apesar da violência e do terror, impedir que o povo soubesse das vitórias e das fa-

canhas heroicas da marcha épica. O carinho e o amor das massas acompanhavam a Coluna passo a passo. O

nome de Prestes tornou-se o símbolo da invencibilidade da causa do povo.

Em La Gaita, na Bolívia, para onde emigrou ao final da grande marcha, Prestes prosseguiu na luta. Estudava e meditava sobre as experiências e ensinamentos da Coluna. Procurava uma explicação científica para a situação da pátria, buscava uma solução para os problemas do nosso povo. Enquanto muitos traíram a nobre causa da Coluna, colocando-se a serviço dos políticos, Prestes repudiava altivamente as propostas com que pretendiam explorar o seu imenso prestígio e autoridade moral e política diante de milhões de brasileiros. Tudo ele recusou — posições, honrarias, fortuna — para ficar com a causa do povo.

Pelo estudo de sua própria experiência e da luta revolucionária dos povos pela sua libertação, Prestes tornou-se um marxista. Ingressou no Partido Comunista do Brasil do qual é hoje o provado e sábio dirigente máximo.

Certos ex-membros da Coluna, como Juarez Távora e Cordeiro de Faria, resvalaram para o campo do entreguismo, da reação, da submissão mais vergonhosa aos imperialistas ianques. Servem hoje aos mesmos oligarcas e tiranos contra os quais se tinham levantado em armas, na sua juventude. Mas nada desviou Prestes do seu caminho. O chefe da Coluna Invicta prosseguiu na luta e, em 1935, colocou-se à frente do movimento da Aliança Nacional Libertadora, como guia da luta de nosso povo pela reforma agrária, pela libertação da pátria das garras dos imperialistas ianques.

— V —

Por uma frente democrática de libertação nacional

Nos dias que correm os salunadores de Prestes, os traidores da Co-

luna aparecem aos olhos do povo envolvidos no mar de lama das negociações mais indecorosas, na corrupção mais infamante, na degradação de vendilhões da pátria aos incendiários de guerra norte-americanos. Em contraste, a figura imponente do patriota incorruptível, que é o grande Prestes, agiganta-se cada vez mais.

Com o decorrer dos anos, a situação contra a qual se ergueu a Coluna contra a qual lutaram e derramaram seu sangue os combatentes de 22 e 24 agravou-se tremendamente, porque as causas que a determinavam não foram extirpadas — o latifúndio e a dominação imperialista.

A Coluna demonstrou a inesgotável capacidade de luta de nosso povo pela causa da liberdade. As suas lições e ensinamentos, a vida e a atuação de seu grande comandante inspiram as lutas de hoje. Em novas condições, num nível mais alto, sob a liderança da classe operária prossegue a luta contra os violadores das liberdades, os opressores do povo, os vendilhões da pátria.

Sob a direção do Partido Comunista do Brasil, o Partido de Prestes, nosso povo mantém acesa a chama da luta libertadora, amplia e enriquece a tradição combativa da Coluna. O Programa de Salvação Nacional do P. C. B. é a bússola que orienta para a vitória as lutas crescentes de nosso povo. Aliam-se ao proletariado das cidades os milhões de camponeses que gemem sob o jugo do latifúndio. Em torno dessa aliança que se forja dia a dia, forma-se a união patriótica de todas as forças democráticas, progressistas, nacionais e libertadoras de nosso povo. Através de suas lutas nas cidades e nos campos marcham hoje os brasileiros para a formação dum frente democrática de libertação nacional, que conquistará a paz, o progresso e a felicidade de nosso povo, e regime de democracia popular.



Café Filho Prepara Despejos em Massa Em Todo o Brasil

NA LUTA de milhões de famílias brasileiras contra a carestia da vida ocupa uma posição especial a luta pela manutenção da lei do inquilinato. O congelamento dos aluguéis, mesmo com as exceções e os rombos que os tubarões conseguiram introduzir na lei, é uma importante conquista de nosso povo.

Nos escassos conjuntos residenciais dos Institutos o governo udeno-americano dá o exemplo aos tubarões imobiliários — força de todos os modos a mudança dos moradores para duplicar os aluguéis com as locações novas

A lei do inquilinato permanece ainda como a única vitória estável do povo na luta pelo congelamento dos preços, é uma prova concreta de que é possível obter o congelamento. Graças a lutas memoráveis, saindo à rua, mobilizando-se em grandes greves que chegaram a atingir Estados inteiros, o povo impôs ao menos temporariamente um parapeito à alta dos preços e mesmo a redução do preço de alguns produtos, como aconteceu no Rio Grande do Sul, onde a memorável greve geral forçou o governo dos latifundiários a voltar atrás com o aumento do preço da carne. Mas, até aqui, somente a lei do inquilinato vinha sendo mantida, renovando-se de ano para ano.

E' esta conquista do nosso povo que o governo udeno-americano de Café Filho pretende liquidar. O projeto de lei já aprovado na Câmara não só foi modificado no Senado de acordo com os desejos dos tubarões, como está sendo objeto de cinica manobra obstrucionista. Encarrega-se dessa ignóbil missão o próprio líder da bancada da UDN no Senado, o velho reacionário Ferreira de Souza, que engavetou o projeto e foi gozar a vida nas boites de Paris.

Pesa assim uma grave ameaça sobre os lares brasileiros.

A metade do orçamento em aluguéis

É no capítulo dos aluguéis onde mais se evidencia a intolerável situação de miséria que está condenada a maioria da população brasileira. Os aluguéis absorvem, para uma grande parte, 40%, 50% e mais dos ordenados dos chefes de família. Os próprios urbanistas burgueses reconhecem que esta situação é responsável pela situação anormal, anti-higiênica, das condições de moradia nas grandes cidades.

Com a maior parte dos salários e vencimentos absorvidos pelos aluguéis, a solução encontrada é a redução das despesas essenciais com alimentação e vestuário. Os aluguéis escorchantes determinam o verdadeiro amontoamento de um número excessivo de pessoas em residências exiguas. São comuns, nas cidades, os casos de famílias inteiras morando em apartamentos pequenos previsto para casais sem filhos ou para solteiros. O custo inacessível das moradias nas cidades empurra os trabalhadores para os bairros distantes, para os subúrbios e multiplica a população favelada. O povo é praticamente expulso das cidades onde estão os locais de trabalho, sendo forçado a morar em lugares desprovidos de água encanada, com transportes caros e deficientes, sem luz e sem telefone.

Pois são estes aluguéis, já num nível insuportável, que o governo se prepara para aumentar. A não renovação da lei do inquilinato deixará os tubarões de mãos livres. A aprovação das emendas udenistas significa um aumento imediato de 30% nos atuais aluguéis. Em qualquer caso, prepara-se uma onda de despejos em massa em todo o país, numa escala jamais vista.

Tal e tão grave é o perigo que ameaça os lares brasileiros.

O governo é o primeiro a aumentar os aluguéis

A luta pela manutenção da lei do inquilinato está diretamente ligada com a luta em defesa das conquistas já alcançadas pela classe operária no campo da previdência social e que o governo Café-Juarez tudo faz para liquidar.

Calcula-se que os Institutos de Previdência, em conjunto, já tenham construído

20.000 residências, incluindo nessa estimativa os apartamentos destinados à renda, aos afilhados e protegidos e que por isso não são ocupados pelos trabalhadores. É uma gota d'água diante das necessidades gritantes dos associados dos Institutos.

De um lado, o governo fecha a carteira imobiliária dos Institutos, determina inclusive a interrupção das obras já iniciadas. De outro, dá o exemplo aos tubarões, estimula sua ganância, duplicando os aluguéis das residências dos Institutos.



Nas casas de tipo popular, nos bairros, que é onde alguns poucos trabalhadores conseguem instalar-se, os aluguéis cobrados oscilam em torno dos 600 cruzeiros. Ao menor pretexto e mesmo sem pretexto algum, os trabalhadores são forçados a se mudarem. As novas locações já se fazem pelo aluguel escorçante de 1.100 cruzeiros, quase a metade do salário-mínimo vigente no Distrito Federal.

Para o governo Café já não vigora mais a lei do inquilinato. Somente a luta dos trabalhadores há de forçá-lo a reabrir a carteira imobiliária dos Institutos e a restabelecer os aluguéis que, de acordo com a lei, não poderiam ter sido majorados em hipotese alguma.

Atingidos milhões de camponeses

Os grandes latifundiários das fazendas de café, cacau e cana de açúcar, acossados pelos assalariados agrícolas que exigem o pagamento das férias, do descanso remunerado e se batem pelo salário-mínimo, encontraram agora uma nova forma de espoliar os camponeses. Passaram a cobrar aluguel pelas miseráveis choças em que alojam as famílias que exploram.

Na II Conferência Nacional de Trabalhadores Agrícolas numerosas foram as denúncias de escorcha por meio de aluguéis. Há casos em que os latifundiários cobram

um aluguel por morador, mais de 400 cruzeiros por cabeça. Assim chegam a arrancar dos camponeses aluguéis pelos seus miseráveis casebres como se fossem apartamentos em Copacabana.

Os usineiros de açúcar, obrigados a pagar o salário-mínimo legal, anunciam a sua desforra com a cobrança de aluguel no valor de 33% do salário dos trabalhadores das usinas.

A luta pela casa limpa, higiênica, agita o campo. A resistência aos aluguéis estorosos mobiliza milhões de brasileiros que mourejam nos campos.

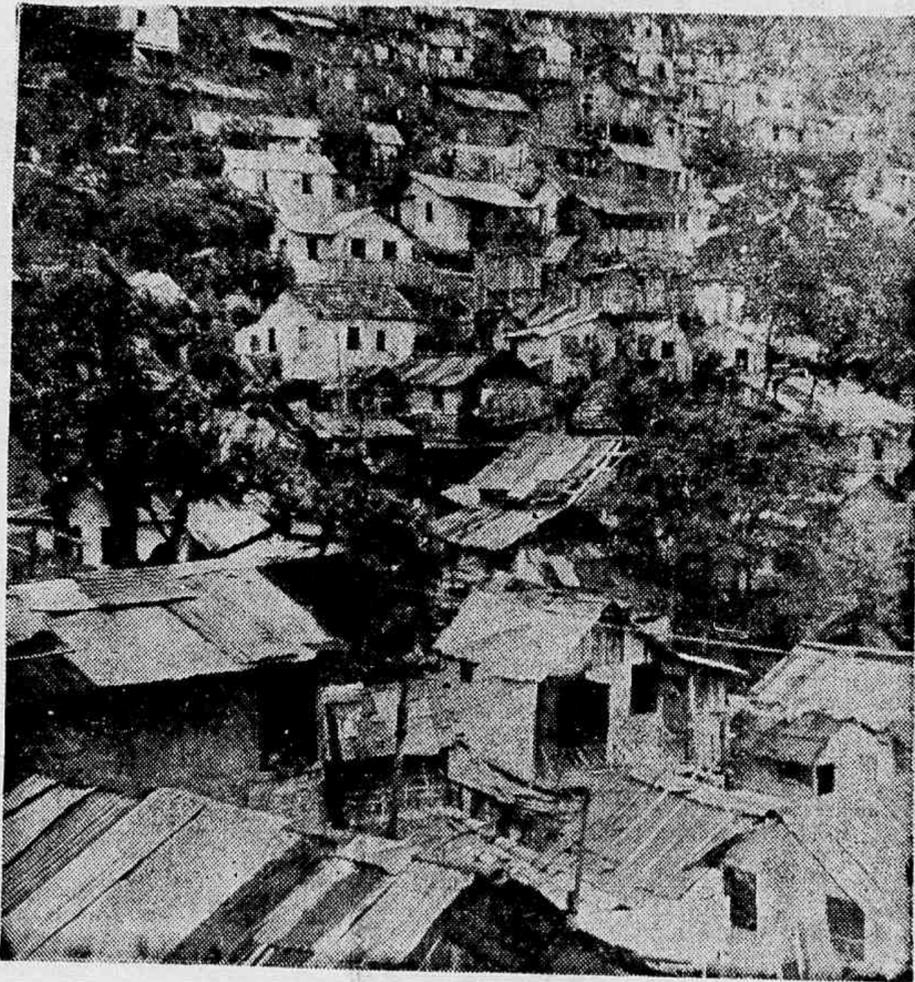
Comunistas e trabalhistas em defesa da lei do inquilinato

Já se ergue um amplo movimento em defesa da lei do inquilinato. Somente no Distrito Federal já funcionam numerosos postos de coleta de firmas na campanha por um milhão de assinaturas em defesa dessa conquista do povo.

A própria realidade dos fatos mostra a necessidade da mais ampla união em defesa dessa conquista do povo. As camadas médias da população sentem-se seriamente ameaçadas por um perigo direto e imediato. Em grande parte iludidas pelos mistificadores udenistas e pelo governo de lacaios dos imperialistas americanos que aí está, elas verificam agora pela sua própria e dura experiência que a situação não mudou, mas só tende a piorar em consequência do golpe udeno-americano. A sua tradição oposicionista, de combate aos governos tirânicos e antipopulares, leva-as inevitavelmente a participar da luta que se trava contra os tubarões dos aluguéis.

Mas é à classe operária que cabe o papel de motor desta grande luta de todo o povo. São os trabalhadores os campeões da luta pelo congelamento dos preços, contra a carestia e a fome. A unidade operária é indispensável para o êxito da campanha. E esta unidade reclama a união fraternal das duas maiores correntes do movimento operário. Na defesa da lei do inquilinato, parte da luta geral pelo congelamento dos preços, comunistas e trabalhistas têm um ponto de encontro, um item da mais alta importância na plataforma comum de sua luta contra o inimigo comum.

Somente os inimigos do povo, os traidores que estão a serviço dos grandes capitalistas e dos imperialistas americanos, procuram torpedear essa unidade fraternal de combate. Mas a própria realidade mostra a necessidade de desmascará-los e isolá-los, para afastar os obstáculos à rápida formação dessa unidade de ação, que é a coluna vertebral da união de todo o povo contra os seus insaciáveis exploradores.



Cerca de 500.000 favelados vivem somente no Distrito Federal. E existem as malocas do Rio Grande do Sul, os mocambos de Pernambuco, a mesma miséria das favelas em toda parte. Com a liquidação da lei do inquilinato, Café, Juarez, Brigadeiro e Cia. querem multiplicar a miséria das favelas